

CONTOS
BRASILEIROS

POR

Gabriella de Jesus Ferreira França

APPROVADOS PELO CONSELHO DE
INSTRUÇÃO PUBLICA E ADOPTADOS PELO GOVERNO PARA AS ESCOLAS



PRIMEIRA SERIE

O LIVRO DE ANTONICO

TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

Livraria Classica de ALVES & COMP.

46 Rua Gonçalves Dias 46

1893

**O MUNDO
DO LIVRO**

11 - L. da Trindade - 13
Telef. 36 99 51
Lisboa

A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PROTECTORA DO BRASIL

Tudo debaixo de Vossos auspícios, Virgem Immaculada,
Protectora dos Brasileiros !



Approveds e adoptados pelo Conselho de Instrucção Publica da Capital e dos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Minas-Geraes, Santa Catharina, Espirito-Santo, Rio Grande do Sul, etc.

Um dos livros approveds e adoptados pela commissão de Professores da Escola Normal da Capital.

Adoptado em varios Collegios, etc.

E' o que se adopta ha uns poucos de annos, nas aulas primarias do Convento de S. Bento.

Carolina Oliveira
à meus mto querido
Melhor

CONTOS
BRASILEIROS

POR

Gabriella de Jesus Ferreira França

APPROVADOS PELO CONSELHO DE
INSTRUÇÃO PUBLICA E ADOPTADOS PELO GOVERNE PARA AS ESCOLAS

PRIMEIRA SERIE
O LIVRO DE ANTONICO

TERCEIRA EDIÇÃO

RIÓ DE JANEIRO
Livraria Classica de ALVES & COMP.
46 Rua Gonçalves Dias 46

1893

Typ. CONFIANÇA, de José A. Montenegro, rua da Alfandega 198.

Carta

De Illm. e Exm. Sr. Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo,
Inspector Geral da Instrução Publica da Córte

Illma. e Exma. Sra. D. Gabriella Ferreira França,

Córte, 1º de Março de 1881.

Acabo de receber, com muito agradecimento, o livrinho de que se dignou fazer-me presente, acompanhado de sua presada carta de hoje.

Começando a lê-lo, fui logo ao fim, attrahido pelos bons conceitos que a obra encerra, escriptos em linguagem simples, pura e castiça, de certo mui propria para interessar e alimentar a curiosidade dos meninos, imprimindo-lhes na memoria palavras e usos especiaes da indole dos nossos incolas, que muito convem zelar.

Estou certo que o *Livro de Antonico* merecerá, como me mereceu, o mais benevolo acolhimento do Conselho de Instrução.

Resta-me fazer mil votos para que V. Ex., não só por gloria sua, como tambem para suscitar a emulação das nossas habeis patricias, continue a cultivar seu bello talento nesse genero de litteratura domestica, de que não temos ainda bastante fartura.

Sou com particular consideração

De V. Ex.

Humilde serve e respeitador

JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO.

NOTICIARIO DA IMPRENSA

Jornal do Commercio

Sob o titulo de *Contos Brasileiros* encetou a Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França a publicação de varias pequenas historias moraes, em prosa e verso, cuja primeira serie que temos á vista, intitula-se o *Libro de Antonico*. Leitura verdadeiramente util para a educação da infancia, o livro de que nos occupamos não deixará de ter aceitação.

Apostolo

BONS LIVROS.—A Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França acaba de prestar mais um relevante serviço com a publicação de um livro util e muito proprio para a leitura dos meninos, pelas narrativas religiosas e moraes que contém.

Os *Contos Brasileiros*, primeira serie, o *Libro de Antonico*, são um mimo dedicado ás familias que zelam a boa instrucção de seus filhos, e um grande antidoto contra os máos livros.

Damos á illustrada e muito catholica Exma. Sra. Gabriella França nossos parabens, e agradecemos o exemplar que nos offereceu.

Cruzeiro

Os *Contos Brasileiros*, de D. Gabriella de Jesus Ferreira França, impressos na typographia do *Apostolo*, e de que agora sahe á luz a primeira serie intitulada o *Livro de Antonico*, são uma collecção de pequenas historias bem moralizadas e instructivas, para uso da infancia. Dando util^l noção dos objectos mais vulgares da vida praticã, podem contribuir para formar as idéas positivas na cabeça dos meninos, inoculando-lhes tambem principios de moralidade e religiosidade, segundo as normas do catholicismo.

As familias podem fazer uso deste livrinho sem receio de contagio de idéas perniciosas.

Gazeta da Tarde

Contos Brasileiros por Gabriella de Jesus Ferreira França. Primeira serie o *Livro de Antonico*.

Esta pequenina obra, repassada de um perfume leve, domestico, puro, é dedicada á infancia que começa as suas primeiras leituras.

As historietas de que se compõe o livrinho têm um sabor infantil, são de uma singeleza despretenciosa. Recommendamos este trabalho util e santo ás mãis de tamilia, e ás casas de educação de crianças.

(Era n'essa epocha redactor o Dr. F. de Menezes).

INSTRUÇÃO PUBLICA. — O Sr. Ministro do Império, approvando e mandando que fosse adoptado nas escolas publicas de instrucção primaria o — *Livro de Antonico* — contos brasileiros, fez justiça ao merecimento de sua distincta autora, a Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França, e bem avaliou da utilidade, que da leitura deste excellente livrinho, hão de tirar os meninos.

Espirito-Santense

Contos Brasileiros: serie de historietas para os meninos e meninas, composição da Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França, digna filha do nosso velho e illustre amigo o Exm. Sr. Conselheiro Ernesto Ferreira França. E' esta obra um repositorio de contos moraes adequados á mocidade, a qual lendo-os, achará nisso prazer pela simplicidade do scripto, em fórmã a comprehensão infantil, em lições moraes, explicadas em factos apropriados a corrigir os instinctos de alguns.

Esta obra já se acha approvada pelo Conselho de instrucção publica da côrte e adoptada pelo governo.

Além destes, outros periodicos da Côrte e das provincias deram desta obra noticia favoravel.

Este livro é tão bom como os melhores da Europa (n'este genero).

INTRODUÇÃO

A MEUS JOVENS PATRÍCIOS

Antonico era um amavel e bom menino, muito piedoso, obediente e amigo de estudar, pelo que todos gostavam muito d'elle e lhe faziam as vontades.

Morava elle com sua avó e sua tia, em uma bella chacarinha.

O menino ia todas as tardes brincar pelo jardim, e depois de ter olhado bem para as flôres e corrido pelas ruas de laranjeiras da chacara, vinha ter com sua tia, que todas as tardes, assentada debaixo de um lindo caramanchão coberto de jasmins e de viçosas trepadeiras, divertia-se com

seu bordado, no qual trabalhava, desfructando ao mesmo tempo o fresco da tarde. Antonico assentava-se junto d'ella em um pequeno banco e lhe dizia :

— Titia, conta-me uma historia ?

— Pois sim, respondia a boa tia, e contava-lhe uma linda historiazinha.

Ora, aconteceu que, uma tarde, Antonico, tendo gostado muito da narração de sua tia, lhe disse :

— Titia, eu desejava que os outros meninos ouvissem estas historias, porque eu, quando titia conta a de um bom menino procuro ser tambem muito bom para me parecer com elle, e quando falla de um máo menino digo: Eu não quero ser assim! Mas como se ha-de fazer para todos os outros ouvirem e aproveitarem? Eu não os posso trazer todos aqui!

— Espera, Antonico, respondeu a tia,

esse desejo nasce de um bom coração ; hei-de procurar realizal-o.

Algum tempo depois, Antonico, voltando do collegio, recebeu de sua tia um bonito livrinho, contendo todas as historias que elle tinha ouvido.

Na primeira pagina, lia-se o seguinte titulo : O LIVRO DE ANTONICO.

E' este livrinho que apresento a meus jovens patricios, desejando que façam como Antonico, isto é: fujam de ser como os meninos máos, e procurem imitar os meninos bons, cujas historias lêrem.



ARTHUR

A tarde estava serena e bella ; o sol, que já começava a esconder-se por detrás dos montes, tingia o horizonte de purpuras côres. Uma branda viração abanava as folhas das arvores e levava ao longe o agradável aroma das flôres das laranjeiras.

D. Clara sahio a passeio com seu filhinho Arthur, lindo menino de cinco para seis annos de idade, e depois de ter dado algumas voltas pelo campo, assentou-se debaixo de uma copada mangueira, chamando por Arthur, para que também descansasse. O menino, porém, de pé sobre um pequeno monte de relva, parecia absor-to, e não respondeu.

— Que tens, meu filho, perguntou-lhe a mãe, correndo pressurosa para elle.

— Nada, mamã, respondeu Arthur, eu estava pensando.

— Pensando em que?

— Eu estava pensando como é lindo este céu dourado e côr de rosa, como são bonitas estas arvores tão verdes e as flôrezinhas rôxas e amarellas, que vejo lá longe por entre o matto. Mamã, quem fez tudo isto?

— Não o tenho já dito, meu filho? Tudo isto foi feito por Deus!

— E as laranjas tão doces que eu como, quem as fez, mamã?

— Tudo, meu filho, tudo foi feito por Deus, Elle é o Creador de todas as cousas.

— E o meu canario, mamã, foi Deus quem o fez?

— Sim, Elle quiz que houvessem passaros e aves de toda a especie.

— E quem foi que nos creou a nós?
Continuou Arthur, assentando-se na relva

junto a sua mãe e encostando n'ella os bracinhos.

— Deus tambem, meu filho, não te recordas como eu te contei, que Elle tomou um pouco de barro e com elle formou o primeiro homem, que se chamou Adão, e depois inspirou-lhe uma alma immortal ?

— Lembro-me, sim, mas André, aquelle pretinho, foi Deus tambem que o creou ?

— Sim, Arthur, Deus é pai de todos, tanto dos brancos como dos pretos.

O menino calou-se por um instante depois, voltando-se de novo para a mãe, lhe disse :

— Então, mamãe, Deus é muito bom, não é ?

— E', meu filho, Deus é a summa bondade ; mais tarde, quando me puderes melhor comprehender, dir-te-hei ainda mais o que Elle fez por nós !

— Então, continuou o menino, nós devemos ser muito bons para Deus, pois Elle é tão bom para nós, não é assim, mamãe ?

— Sim, Arthur, devemos ser-lhe muito gratos e corresponder á sua immensa bondade, procurando cumprir aquillo para que Elle nos pôz no mundo, isto é : amando-o e servindo-o.

Arthur calou-se e ficou pensativo.

A' noite, quando sua mãe, ao deital-o deu-lhe um terno beijo elle lhe disse ao ouvido :

—Mamãe, eu hei de fazer o que Deus quer ; hei de ser sempre bom.



A CASA DA VÓVÔ

— Que bello ! Que bello ! Anna, mamãe disse que me vista já o meu vestido branco. Mana Rosinha já está prompta. Depressa, Anna.

— Então onde vai, Sinházinha!

— Vamos á Fabrica das Chitas, á casa da Vóvô. Hoje, sim, é que nos vamos divertir ! Vóvô mandou dizer que as tangerinas-cravo estão todas madurinhas e que ella as guardou todas na arvore para nós. Que bello ! Alberto e Augusto vão tambem, não é, mamãe ? Continuou a menina, dirigindo-se á mãe, que entrava n'esse momento.

— Augusto vai, Alberto fica.

— Fica ? Porque, mamãe ? Coitado ! Pois elle ha de perder o bello passeio no bond, a vizita a vóvô, as tangerinas, os boli-

nhos de aipim tão gostosos que vóvó faz?
Que pena, mamã! !

— Eu tambem tenho pena, mas que
queres, minha filha! Alberto ha tres dias
que não sabe a lição, os mestres estão
zangados, teu pai descontente.

Elle deve saber que os meninos pre-
guiçosos não são recompensados como os
bons e amigos de estudar!

— Mas, mamã, que vergonha quando
vóvó perguntar !

— Diz-se que elle está doente, disse o
pequeno Augusto.

— Mentir, disse a mãe, isso não! Na-
da mais feio do que a mentira!

— Porém, mamã, disse Rosinha, que
entrava n'esse momento, toda vestida de
branco e com sua linda faixa côr de rosa,
que tão bem dizia com o frescor de seu
rostozinho sempre risonho e agradável,

porque Rozinha era sempre boa e amavel, e a belleza da alma reflecte-se no rosto, porém, mamãi, se eu pedir por elle?

— Se pedires por elle? respondeu a mãe pensativa, mas.

— Oh! Sim, mamãi, disseram os outros meninos, não teremos alegria completa se nosso maninho ficar de castigo.

— Sim mamãi? Continuou Rosinha passando os braços ao redor do pescoço de sua mãe e beijando-a ternamente. Perdôe por esta vez, e Alberto se emendará, sou eu a fiadora.

— Pois bem, respondeu a mãe, está perdoado! Meu filho agradece á tua irmã e não a deixes ficar mal. E tu, Rosinha, sê sempre boa; quem é bom ganha para si e para os outros.



BIBI

— O' Elvira, tão contente?

— Sim, mamãe, o passarinho,
Que ha dias eu espreitava,
Eil-o aqui bem pegadinho !

N'este bem feito alçapão,
Que o Juca armou outro dia,
Já cahio ; oh ! que ventura,
Que prazer, quanta alegria !

Hei de chamar-te Bibi,
Meu passarinho gentil,
Has de ser a mais ditosa
Avezinha do Brazil !

Has de morar em gaiola,
Toda bonita e dourada ;
Terás alpiste e painço,
Agua fresca e renovada !

-- Mas, quem sabe, Elvira minha,
Se quererá tal ventura?
Talvez que deixasse um ninho,
Escondido na espessura!

Talvez que n'este momento,
Os filhinhos a piar,
Morreram de fome e de frio,
Sem a terna mãe achar!

— Basta, basta, mamãizinha,
Eu cruel não quero ser ;
Vai, Bibi, a teus filhinhos,
Vai levar-lhes de comer !



CHRISTOVINHO

Christovinho passeava a passos largos pela sala. Todo senhor de si, com a cabeceira levantada e as mãos nos bolsos, parecia um grande figurão, e, de vez em quando, lançava um olhar de superioridade sobre sua irmãzinha Helena, que, assentada em um canto da sala, entretinha-se com suas bonecas.

— Que fazes ahí ? lhe perguntou a mãe que o observava ; há um quarto de hora que passeas de cá para lá ; não estás cansado ?

— Eu cansado, mamãe ? Um homem como eu não se cansa.

— Um homem como você ? disse Manduca, o irmão mais velho, largando o livro em que estudava, e dando uma gran-

de risada; um homem como você, fedelho de sete annos?

— Fedelho, não! respondeu Christovinho, parando de repente. Mamã, olhe o Manduca! Elle pensa que por estar já em Pedro II é melhor do que eu? Malcreado!

— Malcreado és tu, respondeu Manduca.

— Nada de brigas, disse a mãe; tu, Christovinho, deves respeitar teu irmão mais velho, e tu, Manduca, deves ter mais juizo que teu irmão. Mas, dize-me, Christovinho, por que é que estás ahi a passear e não brincas, como costumavas depois do jantar?

— Mamã, é porque papai disse que eu era um grande homem, e um grande homem não deve brincar.

— Papai disse que você era um grande homem? perguntou Manduca, rindo-se.

— Deixa-o fallar, Manduca, disse a mãe. Então que te disse teu pai, Christovinho ? Que eras um grande homem ?

— Sim, mamãe ; Christovão Colombo, disse papai, foi um grande homem, que descobriu a America.

— Mas isso foi Christovão Colombo e não você, disse Manduca.

— Sim, mas eu tambem me chamo Christovão, e posso vir a ser um grande homem, e papai disse que o outro Christovão, isto é, o Christovão Colombo que descobriu a America, estudou muito, e aos quatorze annos começou a sua carreira, que papai chamou ma. .ma.

— Maritima, que quer dizer do mar, disse a mãe.

— Sim, mamãe, maritima, é o que papai disse ; ora, eu tenho já sete annos, e assim d'aqui a mais sete, posso começar a ser um grande homem.

— Mas então você pensa que será um grande homem só por se chamar Christovão ? disse Manduca.

— Papai disse que já era um principio, respondeu Christovinho, endireitando-se e levantando a cabeça.

— E teu pai tem razão, disse a mãe, e é por isso que escolhemos, para nossos filhos, nomes de Santos e de homens virtuosos e illustres.

Procura pois, meu filho, imitar a Christovão Colombo, que, além de ser um grande navegante, foi também um varão cheio de virtudes. Porém, para imital-o, não basta só desejar, é preciso querer devéras e trabalhar ; a vontade e o trabalho, ajudados pela graça divina, vencem todas as difficuldades !



IZABEL OU A MENINA COMPASSIVA

Izabel era um boa menina, bem obediente, bem cuidadosa e sobretudo muito amiga de fazer bem a todos.

Assim que um pobre chegava á porta, Izabel corria para sua mãe e lhe dizia :

— Mamã, mamã, um pobre; uma esmolinha para o pobre !

E ella mesma, quando tinha algum dinheirinho, reservava sempre para os pobres alguns vintens,—porque, dizia ella, eu tenho muita cousa boa para comer, e os pobrezinhos talvez não tenham nem feijão nem carne secca !

Aconteceu que uma pobre preta velha, chamada Joaquina, que em outro tempo tinha sido escrava da avó de Izabel, veio um dia pedir agasalho á sua senhora-moça.

Essa boa senhora, não só a recebeu com toda a caridade, mas, vendo que a pobre velha estava já no fim da vida e sem amparo, não a deixou mais sahir de casa, deu-lhe um quartinho, deu-lhe roupa e tratou d'ella.

Izabel ficou muito contente por vêr a pobre tia Joaquina tão bem tratada;— porém, dizia ella, eu tambem quero fazer alguma cousa por esta velhinha, que, no tempo em que podia, servio tanto a vóvó.

Então ella ia todas as manhãs ao quarto da pobre velha, que já não se podia levantar da cama, levava-lhe uma chicara de café bem quente e lhe dizia :

— Como passou, tia Joaquina ?

— O' nhanhã, como velha ! Vosmecê, meu anjinho, não se esquece de sua negra !

— Não, tia Joaquina, não me esqueço,

não ; olhe hoje eu trouxe este bolo de milho, veja como está quentinho !

E a pobre velha sorria e bemdizia a linda menina, que assim derramava a alegria e a consolação no coração da pobrezinha.

Mas ah ! apesar dos cuidados de Izabel, por fim a pobre Joaquina morreu ! Morreu abençoando a menina ; a qual foi, de facto, muito feliz em toda a sua vida, porque Deus recompensa a caridade, e as bênçãos dos pobres e desvalidos são sempre por Elle ouvidas.



O BOND

—Mamã, titia, venham depressa á janella, venham vêr quanta gente na rua, o bond está parado; que será, mamã?

—Não sei! Deus queira que não tenha acontecido alguma desgraça!

—Olhe, olhe, mamã, aquella mulher chorando e torcendo as mãos; que será? Mamã, eu mando o Julio, sim? saber o que é.

—Mande, meu filho; talvez tenha havido algum desastre e nós possamos fazer alguma cousa.

—O que é, Julio, disse Henriquinho ao moleque assim que o avistou de volta.

—Nhônhô, é o filho do charuteiro ali de baixo, que quebrou a perna; o bond passou-lhe por cima.

—Coitado! Meu Deus, pobre menino, disse a tia.

— E a pobre mãe! disse D. Henriqueta.

— Mamãe olhe, coitadinho, estão carregando o menino, e a mãe está chorando tanto!

— E' o que acontece, disse a tia, a estes meninos que andam todo o dia a correr pela rua; a pobre mulher ainda outro dia me disse que não podia com o filho; que elle, quando voltava da escola em lugar de vir direito para casa, punha-se a vadiar pela rua, a correr com os moleques e com os outros meninos ociosos como elle! A pobre mãe bem dizia que alguma desgraça havia de acontecer!

— E agora, mamãe, elle fica aleijado?

— Será uma felicidade, meu filho, se escapar, pois talvez seja preciso amputar-lhe a perna.

— O que é amputar-lhe a perna?

— E' cortar-lh'a, meu filho!

— Pobre rapaz, disse a tia, fica desgraçado; é o que acontece aos meninos vadios e desobedientes.

Henriquinho ficou calado; elle lembrou-se que tambem sua mãe sempre lhe recommendava que não pulasse do bond sem haver parado de todo, e que elle algumas vezes tinha desobedecido e pulado logo; e até, ás escondidas d'ella, tinha procurado subir á trazeira do bond estando elle a correr! Agora dava graças a Deus por não lhe ter acontecido coisa alguma!

D'ahi em diante nunca mais desobedeceu e tomou sempre os conselhos de sua mãe, e, quando via o pobre menino, seu vizinho, arrastando a perna de páu, dizia comsigo mesmo:

— Este aprendeu á sua custa; eu fui bem feliz em ter aprendido sem me custar nada!

A MANDIOCA

— Papai, porque é que se diz, que a mandioca é tão venenosa, e entretanto, usa-se tanto d'ella? Estes beijús que estou comendo agora não são feitos com mandioca? E o polvilho de que mamãe fez biscoitos outro dia, e a tapioca de que se fazem mingãos e podins?

— E a farinha, Jorge? respondeu o pai, a farinha, que é um dos nossos mais importantes generos de producção; e que constitue a parte principal da alimentação, aqui no Brazil, que é, por assim dizer, o nosso pão, como até o indica o nome da raiz de que se fabrica, pois é formado de duas palavras da lingua dos indios, isto é: *mandi* pão e *oca* casa, *pão de casa*.

— E' verdade, papai, esquecia o prin-

cipal, apesar de ter já visto no sitio de titio preparar-se a farinha; mas responde ao que lhe perguntei, sim, papai?

— O principio venenoso da mandioca, meu filho, existe apenas no succo. Pois que viste o modo de se preparar a mandioca para se fazer a farinha, has-de estar lembrado que, depois de descascada a mandioca e passada pela roda de cevar, vai para a prensa onde se aperta até que escorra completamente todo o succo. A massa que fica, e vai aos fôrnos para secar e torrar, é, como sabes a farinha, a qual é inteiramente innocente.

— Sei, papai, e sei tambem que o caldo fica nas vazilhas até que deposite-se a gomma, que titio chamava —amydo—.

— Sim, depois do que escorre-se esse liquido e lava-se por varias vezes a gomma depositada, a qual depois, ou se leva aos fornos para se fabricar a tapioca, ou secca-

se e é o polvilho, que tantos prestimos tem.

— E os beijús, como se fazem?

— Ah! guloso, disse a mãe que escutára até então silenciosa, os beijús se fazem também ou da gomma ou da massa, conforme se quer

— O' papai, a mandioca é originaria mesmo do Brazil, não é?

— Quando se descobrio o nosso Brazil, já ahi se achou a mandioca, a qual muito aproveitava aos indigenas, que a cultivavam para seu alimento...

— E era com a mandioca e o milho que faziam aquella bebida chamada *caoim*, que usavam nas suas festas, não era, papai?

— Sim, mas, como te ia dizendo, comquanto já os indios cultivassem a mandioca, não se sabe se é, ou não, originaria do Brazil, pois diziam ter-lhes sido trazi-

da por um velho veneravel, de barbas compridas, chamado Tzomé ou Zomé.

— Ora veja, papai, quanta coisa eu aprendi só por estar comendo beijús!

— Por estar comendo beijús, não, meu filho, respondeu o pai, sorrindo, mas por me teres interrogado e porque gostas de observar e de aprender!



OS CONTOS DA VÓVÓ

Sentada em sua cadeira,
Estava a bôa vóvó;
Os netinhos a rodeam
Pois que nunca a deixam só.

E' D. Anna a bôa velha,
Que lhes tem tão grande amor,
E conta lindas historias.
Com toda a graça e primôr!

Os meninos a escutam.
Com reverente atenção;
Quem honra os velhos merece,
Lá do céo, ampla benção!

Demais as suas historias,
Além de ser engraçadas,
São uteis e proveitosas,
E muito moralizadas.

Ella conta do menino,
Que mentia a todo o instante;
Ninguém mais lhe prestou fé,
Diziam-lhe—*és um tratante!*

Da menina tão raivosa,
Que tocava no irmão,
E quando a mãe lhe ralhava,
Batia co' o pé no chão!

Ganhou o nome de—Fúria,
Em vez do nome de—Rosa,
E de raiva, ficou feia,
Comquanto fosse formosa!

Do pequeno preguiçoso,
Que não queria estudar;
Foi crescendo, e de vadio
Na correccão foi parar!

Da Chiquinha também conta,
Da juvenzinha piedosa
Que ajuda em casa a mamãe,
E é p'ra todos bondadosa.

E do Juca, o pobrezinho,
Que se poz a estudar,
Com o louvavel intento
De sua mãe sustentar

Deus ajudou o menino.
Trabalhador, virtuoso,
Veio a ter nome e riqueza,
E foi sempre venturoso.

Escutai bem meus meninos,
Os contos da vóvózinha,
Pois é só p'ra vosso bem,
Que vol-os narra a velhinha!

A MENINA DESMAZELADA

—Vem cá Eliza, disse D. Amelia sua filha, quero mostrar-te uma cousa muito bonita.

—O que é, mamãe? respondeu Eliza, correndo para sua mãe.

—E' Rosinha, a filha daquella pobre mulher que mora alli defronte no cortiço.

—Rosinha? E que tem Rosinha, mamãe? Eu não a acho nada bonita! Toda picada de bexigas!

—Eu não digo que Rosinha seja bonita, continuou a mãe, mas olha como está acedinha; seu vestido é velho e de chita desbotada, mas não tem nem uma nodoa, nem um rasgão; e entretanto ella não é vadia, e ajuda a sua mãe em todo o serviço, mas é cuidadosa, faz gosto dar-se-lhe qualquer cousa. Lembras-te daquelle

teu vestido de lã côr de rosa? No mesmo dia em que o vestiste, encheste-o de nodos e o rasgaste nos espinhos; ficou todo estragado! Dei-o a Rosinha, ella lavou-o, concertou-o e está lhe servindo muito.

—Ora mamãi, Rosinha é muito pobre; por força deve poupar sua roupa.

—E tu és rica? E embora o fosses, pensas que ha riqueza que chegue para uma pessoa negligente e desmazelada? Não te lembras, outro dia, quando fomos á Villa-Izabel, á casa de tua tia Joanninha, o que nos contou aquella senhora a respeito de uma sua conhecida que tinha sido muito rica, mas que estava reduzida a pedir esmolas, porque não quiz nunca poupar nem fazer caso de cousa alguma, e assim arruinou-se?

—E' verdade, mamãi, mas isso era uma senhora, e eu sou ainda uma menina.

—Mas quem se acostuma desde pequena a ser descuidada e desmazelada, depois de grande é ainda peor!

Porém Eliza não fez caso do que lhe disse sua mãe. Debalde lhe recomendava ella que guardasse seus livros, dobrasse sua costura, não estragasse a sua roupa; ella andava sempre rota, mal arranjada e descabeçada; não sabia de nada seu e perdia tudo.

Aconteceu porém um dia, que indo sua madrinha vizital-a, levou-lhe um presente; era um cofrezinho de jacarandá, marchetado de prata com fechadura do mesmo metal, contendo muitas cousas bonitas.

Eliza pulou de contente e muito agradeceu a sua boa madrinha o lindo cofre; a mãe porém, pegando nelle, disse a sua comadre.

—Comadre, tenha paciencia, Eliza é

muito desmazelada; se lhe deixarem este cofre, daqui a dous dias estará quebrado, e estas lindas cousas que têm dentro, estarão perdidas e estragadas. Assim vou dal-o a minha sobrinha Clotilde, que é uma menina arranjada e merece esta recompensa.

A madrinha teve pena, mas não disse nada, porque achou que a mãe de Eliza tinha razão!

Eliza chorou muito, mas não teve remedio senão ficar sem o lindo cofre, o qual foi para as mãos de Clotilde. Disse-ram-me que esta lição servio muito á menina desmazelada e que ella emendou-se. Estimei muito sabel-o, porém teria sido melhor que ella escutasse logo as advertencias de sua mãe, para que ella não tivesse o desgosto de se vêr obrigada a castigal-a!



O ALGODÃO

Mamã, dizia Emilinha a D. Leonor, sua mãe, estou tão aborrecida! Papai nos disse que havia de sahir comnosco ás duas horas; já estamos promptas e é só meio dia! Temos ainda duas horas inteiras para esperar; que aborrecimento! E dizendo isto Emilinha espreguiçava-se, abria a bocca e não sabia o que havia de fazer comsigo.

— Estás aborrecida porque estás ociosa, lhe respondeu a mãe, porque não te pões a cozer ou a estudar?

— Ora mamã, não vale a pena; eu vou sahir com papai daqui a duas horas, de que me serve pôr-me a trabalhar?

— Não se deve desperdiçar nem um minuto, quanto mais duas horas, minha filha; o tempo perdido não aproveita a ninguém. Toma o exemplo de tua irmã, ella

tambem vai sahir e entretanto aproveita o tempo; olha para o seu trabalho; enquanto abres a bocca, persegues o gato, atormentas o cachorro e te aborreces, ella já bordou uma rosa toda inteira na linda almofada que está fazendo!

— Mas Anninha é grande, mamãi, já fez quatorze annos e sabe fazer muita cousa bonita; eu que só tenho sete annos que posso fazer?

— Podes occupar-te em alguma coisa minha filha; onde está teu panno de marca, teu livro?... Olha, queres tu que a hora se passe sem que te aborreças?

— Sim, sim, mamãi, que hei de fazer?

— Vai buscar aquelle algodão que apanhamos hoje, e põe-te a descaroçal-o. Depois eu o cardarei pois preciso delle para encher uma almofada.

— Pois sim, mamãi, mas para que o

tempo passe ainda mais depressa, contemos uma historia, sim?

— Que eu tambem quero escutar, disse Anninha aproximando o bastidor para mais perto de sua mãe.

Emilinha tambem chegou a sua cadeira, poz o algodão em cima da mesa e poz-se a descarçoal-o.

A mãe esteve calada um momento reflectindo, e depois disse :

— Não me recordo agora de historia alguma, mas vou fallar-lhes sobre um assumpto instructivo. Sabes para que serve o algodão, Emilia?

— O' mamãe, para encher almofadas para cubrir as queimaduras, como mamãe fez outro dia quando eu escaldei a mão.

— Isso são cousas mais pequenas, minha filha; o algodão é um dos productos mais uteis que ha no mundo, pois é com elle que se fia e tece quasi todo o panno

que serve para nosso vestuario. E' tanto mais precioso quanto sua cultura é muito facil, convindo-lhe mais ou menos todos os terrenos. Além d'isso não precisa de preparo algum antes de ser fiado; a natureza já o fornece prompto, emquanto que, por exemplo, o linho e outras materias, precisam de passar por muitos processos antes de se poderem mandar ás fabricas.

— E o algodão que se cultiva no Brasil é indigena ou foi importado, mamãe? perguntou Anninha.

— Houve sempre algodão na America, mas não se sabe com certeza se o que se cultiva no Brasil, e que é excellente e muito apreciado no commercio, é indigena ou se foi trazido da Asia. Tua saia de morim tão fino, continuou a mãe dirigindo-se a Emilinha, teus punhos de cambrainha, o lindo mol-mol de teu vestido, tudo isso é feito com esse precioso algodão.

— Porém mamãe, como é que se pôde ajuntar algodão para tanta fazenda? E' preciso muita gente só para o descaroçar. Olhe mamãe, eu estou trabalhando bem e ainda não descarocei todo!

— Seria na realidade difficil, minha filha, se se fizesse á mão; ha porém machinas de descaroçar.

— E ouvi dizer, mamãe, que dos caroços se extrahe um excellente azeite, disse Anninha.

— E' verdade minha filha, e o bagaço serve para alimentar o gado. O algodão tem ainda uma outra utilidade, é que sendo muito mais abundante do que o linho, a seda etc., mistura-se muitas vezes o algodão nesses tecidos, tornando-os assim menos caros.

— E a seda tambem nasce em alguma arvore, mamãe? perguntou Emilinha.

— Não, minha filha, é producto de uma

lagarta que se chama—*bicho de seda*.—
Hei de pedir a teu pai que te leve um dia á casa de D. Mariquinhas para veres os bichos de seda.

— Então meninas, gritou uma voz lá de fóra, estão promptas? Duas horas já deram!

— Duas horas? exclamou Emilinha levantando-se e pulando de contente, já duas horas; como o tempo passou depressa!

E beijando e abraçando a terra mãe, lá se foram as lindas meninas acompanhando seu pai.



A ESMOLA

Alberto, Candinha e Ernesto sahiram a passear com seu pai e sua mãe pela rua do Ouvidor.

Cada um delles tinha no bolso um bonito nickel de duzentos réis, novinho em folha e tão reluzente que fazia gosto!

Era um presente de seu pai, que lh'os havia dado para comprarem doce.

Como iam contentes, e com que alegria olhavam para as bonitas lojas!

De bôa vontade comprariam os bolinhos gostosos que viam nas confeitarias.

— Mas, diziam elles, cada bolinho destes custa cem réis; pelo nosso nickel só podemos ter dous, entretanto que, comprando no taboleiro, podemos ter tanta coisa! Balas de cereja, de chocolate, de cajú e á bahiana, e tambem cocadas e até

mesmo, um relojinho de assucar cheio de licôr!

Portanto os meninos não olharam mais para as confeitarias e foram se divertindo a passear, até que chegaram ao Largo de S. Francisco de Paula, para tomarem o bônd de S. Christovão onde moravam.

Então vendo um rapazinho tendo um bonito e bem sortido taboleiro de doces, correram para elle. Candinha comprou uma porção de cocadas e doce de abobora; Alberto que era muito amigo de balas, escolheu uma de cada qualidade, e Ernesto ia pegar em uma saborosa mãe-benta quando notou, e mais seus irmãos, que o rapazinho chorava.

— Que tens? perguntou-lhe Alberto.

— Que é isso? disse Candinha.

— Que te aconteceu? perguntou-lhe Ernesto.

— Sinhazinha, nhónhôs, disse o rapaz soluçando, nhanhan lá em casa me pôz muito doce no taboleiro, mas todo elle está contado, e ella me disse que se eu não levasse o dinheiro certo, ella me tocaria; agora aquelle menino grande que vos-me-cês vem ali encostado, veio ao meu taboleiro e foi tirando doce e comendo; tirou um bom bocado, dous manaués, um suspiro e um doce de batata; comeu duzentos réis de doce, e quando acabou e eu pedi o dinheiro, elle deu-me dous tapas e me disse que não fosse atrevido e que se eu fallasse mais mettia-me o páo! E foi-se embora rindo-se de mim! E agora, continuou o rapaz redobrando o choro, onde é que eu vou buscar duzentos réis para pagar aqui! Nhanhan vai-me tocar!

— Pobre rapaz, disse Candinha mordendo em suas cocadas, é muito mal feito!

— Que menino máu, disse Alberto trincando as suas balas.

Ernesto nada disse, mas sem que os irmãos o notassem, largou a mãe-benta no taboleiro, e mettendo o bonito nickel na mão do rapaz disse-lhe baixinho:

— Não chores mais, não has-de apahnar! Este nickel é para pagares o que te falta.

Ninguem vio a bôa acção de Ernesto, mas Deos que está no Céó, a vio e não a deixou sem recompensa, pois Elle nunca deixa de galardoar os meninos compassivos e esmoleres.



A MENINA TEIMOSA

Arlinda era uma linda menina, porém de que lhe servia a sua belleza, se tinha um genio de furiazinha, e se era tão teimosa que não queria nunca fazer senão a sua vontade?!

Eu bem sei que isso era, em grande parte, culpa de sua mamãe, que não devia atural-a, e devia castigar essa menina caprichosa; porém se Arlinda fosse bôa, em vez de abusar assim do carinho de sua mãe, procuraria pelo contrario em agradecimento, ser bem meiga e bem obediente! Assim não só lhe daria gosto, como tambem faria bem a si mesma, porque os pais sabem melhor o que é bom para os meninos, e quando dão uma ordem, é porque assim convém para o bem de seus filhos!

Ora aconteceu que Arlinda foi passar a noite em uma casa, onde deram uma grande ceia. Havia muita cousa na mesa, e doces e bôlos de todas as qualidades.

Arlinda, que além do mais, tinha também o defeito de ser gulosa, comeu muito de tudo!

Debalde sua mãe lhe dizia a todo o instante:

—Arlinda, não comas mais, minha filha; has de ficar doente!

Qual! Arlinda não fazia caso, e comeu tanto e tanto, que no dia seguinte amanheceu muito incommodada!

Doia-lhe muito o estomago, e sentia a cabeça tão pesada, que nem podia abrir os olhos!

Pobre Arlinda! De cama, ardendo em febre, não achava socego!

A mãe afflicta e assustada, mandou depressa chamar o medico.

— E' uma furiosa indigestão, disse o doutor; depressa um purgante de oleo de ricino e fica bôa!

—Oleo de ricino? exclamou Arlinda, oleo de ricino? Deos me livre! Não, não quero!

—Não ha remedio, minha menina, não ha remedio; é preciso tomal-o, senão não sei o que será?

—Minha filhinha, minha Arlindazinha, dizia a mãe apresentando-lhe o remedio, eu te peço, toma! E' mamãi que pede!

—Não quero! Não tomo; é muito ruim!

—O doutor diz que é preciso!

—Não faço caso do doutor, não me importo, não quero!

—Minha filha, instava a pobre mãe quasi a chorar, toma, dou-te dinheiro, compro-te uma linda boneca!

Ah! que mãe tão tola! Se fosse eu, usaria de outros meios; mas a pobre mãe!...

Emfim, debalde o pai e a mãe, a avó e as tias pediram e supplicaram; debalde prometteram brinquedos e presentes de todas as qualidades; a teimosazinha fechava a boca e não queria tomar o remedio que a salvaria!

— Agarrem nella, apertem-lhe o nariz e deem-lhe o remedio pela boca abaixo, dizia o doutor

— Ah! doutor, coitadinha, dizia a mãe, pôde se assustar!

Por fim de contas, a menina continuou a teimar e não tomou o remedio; veio-lhe um ataque de cabeça e convulsões e ficou muito mal! Então a mãe arrependeu-se, mas era tarde, e d'ahi a dous dias a bonita Arlinda estava enterrada!

Eis ahi o que acontece aos meninos teimosos e que abusam do carinho de seus pais!



A NOITE DE S. JOÃO

Era noite de S. João; no meio do terreiro ardia grande fogueira, não faltavam nem cannas nem batatas assadas, cruzavam-se as pistolas e rodinhas, e innumeradas girandolas atrovavam o ar!

Porém onde estava Joãozinho, o herói da festa?

Debalde o haviam procurado por toda a parte; ninguém sabia delle!

—E' verdade, disse Alberto, seu primo, que eu ainda ha pouco o vi escolhendo a melhor batata assada, e até admirei-me, pois elle não é guloso e nunca escolhe para si o melhor.

—E eu o vi também encher o lenço de rolletes de canna, disse Julio, mas depois não o vi mais.

E os meninos á porfia gritavam de todos os lados :

— Joãozinho, Joãozinho, onde estás? Vem depressa, estamos á tua espera para fazer subir o balão!

Mas em vão gritavam! Joãozinho não apparecia!

— Meu Deus, onde estará elle? exclamou Helena a irmã mais velha, já bastante assustada. Papai, continuou dirigindo-se para seu pai, que nesse momento descia ao terreiro, estou inquieta, não se sabe de Joãozinho; ha meia hora que o estamos procurando e não se sabe onde está!

— Pois não está aqui no meio dos outros? respondeu o pai percorrendo com os olhos o grupo de creanças.

— Não, papai, respondeu Helena.

— E porque não me avisaram ha mais tempo, disse o pai muito inquieto; não vá ter-lhe acontecido alguma cousa!

tenho sempre receio destes fogos, destas bombas; não fosse elle metter-se a atacar lá sózinho alguma bomba ou busca-pé!

— Não, titio, respondeu Alberto, bem sabe que Joãozinho é muito obediente, e nunca faz nada do que titio prohihe!

— E' verdade, respondeu o pai!

— Joãozinho, Joãozinho, de novo gritaram os meninos, vem depressa, estamos á tua espera para fazer subir o balão!

— Vamos procural-o, disse o pai, assustadissimo, quem sabe se foi para o lado do mar? Meu Deos, não fosse ter-lhe acontecido alguma desgraça! Por ora não digam nada a sua mãe, eu vou procural-o; a lua está muito clara, se estiver na characa havemos de encontral-o.

— Eu vou tambem com titio, disse Alberto, que era muito amigo de seu primo Joãozinho.

— Vamos todos, exclamaram os meni-

nos, deixando seu folguedo e correndo pela chacara em varias direcções.

Alberto seguiu o tio, porém debalde percorreram todas as ruas da chacara, todos os caminhos, debalde foram vêr na gruta, no caramanchão, do lado do bananal, nada de se achar o menino!

O pai cheio de afflicção, não sabia mais onde o havia de procurar, quando de repente, Alberto como que tocado de subita inspiração, corre para um pequeno quarto onde habitava um pobre velho, antigo e fiel escravo da familia, empurra a porta e ah! que tocante espectáculo! Joãozinho sentado junto do velho lhe descascava a batata, instava com elle para que provasse do bom aipim e contava alegremente as maravilhas da bella festa!

—Achei-o, achei-o! bradou Alberto radiante! Venha titio, venha depressa!

O pai entrou pressurozo e cheio de ven-

tura deu graças ao Senhor, pois achára o filho e o encontrára praticando uma bôa acção!

— Meu filho, disse-lhe abraçando-o ternamente, não vens brincar?

— Ah! papai, agora sim, eu vou; mas eu não podia me divertir sem vêr primeiro pai João, pois eu me lembrei que é triste estar sózinho e como esquecido, e quiz vir consolal-o e alegral-o, para que elle saiba que nós nos lembramos delle!

Consolar os tristes é grande obra de misericordia.



OS BICHOS DE SEDA

—Então, divertiram-se muito? perguntou D. Leonor a suas duas filhas, Anna, e Emilia, que voltando de uma visita que tinham ido fazer com o pai, foram ter ao jardim onde a mãe passeava.

—Muito, mamãe, exclamaram as meninas; D. Mariquinhas recebeu-nos muito bem e Amelia ficou muito contente de nos vêr Brincamos com ella, apanhamos flores no jardim, tocamos piano e comemos um doce excellente, feito mesmo por Amelia.

—Muito bem, minhas filhas, estimo muito que estejam contentes, e desejo que imitem Amelia occupando-se em trabalhos de casa; gosto muito de uma menina arranjada e amiga de trabalhar!

—Papai disse a D. Mariquinhas, accres-

centou Anninha, que nós queríamos vêr os bichos de seda, e ella com toda a bondade, levou-nos ao quarto onde os tem guardados e nos mostrou e explicou tudo.

— Ora, mamãi, continuou Emilia, que feia borboleta, aquella que põe os ovinhos de onde sahem os bichos! E' de um branco acinzentado. As borboletas duram alguns dias emquanto põe os ovos e morrem depois; e sabe mamãi? não comem nada durante esses dias.

— Os ovos são tão pequeninos, mamãi! São do tamanho de uma cabecinha de alfinete. D. Mariquinhas nos mostrou esses ovos, e entre elles havia já alguns, de onde tinham sahido uns bichinhos, muito, muito pequeninos; ella apanhou-os com um palito e os collocou sobre umas folhas de amoreira, que é de que se sustentam; mostrou-nos depois, sobre outras olhas, os bichos já crescidos.

—Oh! mamã! são umas lagartas, interrompeu Emilia, quem poderia pensar que são essas feias lagartas, que fazem a seda de minha linda faixa! E o setim do vestido do baptisado de nêê, e a seda frouxa com que Anninha está bordando a almofada?

—Isto é, minha filha, que produzem a materia para isso! Continúa Anninha, que mais viram?

—Mamã, sabe? D. Mariquinhas ganhou um premio na exposição de Philadelphia. Ella mostrou-nos bellas meadas de seda!

—Porém, continúa o que diziam dos bichos.

—Pois sim, mamã, vimos os bichinhos em uma especie de grade de páu, cheia de pequenos repartimentos; em alguns, via-se a lagarta que se preparava para formar o casulo, em outros já havia um lindo casulo prompto.

—D. Mariquinhas mostrou-nos depois uma grande quantidade de casulos, uns brancos, outros côr de ouro, outros esverdeados. Ella nos disse que é preciso destruir o bicho dentro do casulo, antes de ter logar a metamorphose, isto é, a transformação da crysalida em borboleta, pois deixando-se, a borboleta, ao sahir estraga o casulo e por conseguinte o fio da seda.

—Porém mamãi, matando-se todos os bichos dentro do casulo, como se hão de ter, mais para pôr ovos e continuar-se a criação?

—Não se destroem todos, minha filha, deixam-se tambem para a reproducção. Demais, ha, no Brasil uma qualidade de bichos de seda, que deixam no casulo, um pequeno espaço pará a borboleta sahir.

—O' mamãi, como isso tudo é interessante! Eu me diverti hoje mais, vendo

esses bixinhos, do que se tivessê ido a algum theatro.

—E' verdade, minhas filhas, com o estudo, a observação e a industria, não só se alcançam muitas vantâgens, como também se gozam muitas innocentes e amenas distracções. Não são os vãos passatempos que entretêm o espirito; quasi sempre produzem cansaço e inquietação. Ao redor de nós temos innumerous objectos, que nos fornecem não só a instrucção, mas também momentos de verdadeiro prazer. Aprendam minhas filhas, a não procurar longe de si, o que podem achar na vida domestica e no centro de suas familias.



O POBRE CEGO

O pobre cego a cantar,
Pedia esmola na rua;
Erão tristes os accentos,
Da canção e da voz sua!

—Ail... de trevas rodeado,
Não vejo o sol refulgente,
E nem quebrar-se n'arêa,
Do mar a vaga fremente.

Não vejo a lua tão bella,
E nem seus raios de prata,
Que tremulam sobre as aguas.
Do regato que os retrata!

O sabiá que descanta,
Nos ramos da laranjeira,
Não vejo, comquanto escute,
A sua voz tão fagueira.

Não vejo o bosque sombrio,
Nem o monte alcantilado;
Não vejo a tenra florzinha,
Que esmalta a relva do prado!—

Venancio attento escutava,
Do pobre a triste canção;
De prompto lhe assoma aos olhos,
O pranto da compaixão.

Na mão do cego uma esmola
Deposita, e com amor
Lhe dirige estas palavras,
Qual anjo consolador!

— Não chores ó pobre velho
Que por ti vigia um Deus;
Não tens ventura na terra,
Terás ventura nos céos!—



A PRIMEIRA COMMUNHÃO

Eduardo e Amelia andavam muito contentes e alegres; entretanto procuravam portar-se melhor ainda do que costumavam, estudavam com mais attenção e faziam a dilligencia para fugir de tudo aquillo que conheciam não ser bom.

E' porque se preparavam para sua primeira Communhão.

Sabeis meus meninos, minhas meninas, sabeis o que é a primeira Communhão?

E' quando pela primeira vez se recebe a Nosso Senhor Jesus Christo.

Na vespera de sua Paixão, nesse dia que se chama—Quinta-feira santa,— Elle estando a ceiar com seus Discipulos, instituiu esse Sacramento Divino chamado da—Eucharistia.

Então como vos dizia, Eduardo e Amélia iam pela primeira vez receber esse Sacramento da Sagrada Communhão.

Vós também, meus queridos meninos, deveis fazer vossa primeira Communhão ; procurai portanto fazer o mesmo que elles, isto é, preparar vosso coraçãozinho para nelle receber Jesus que ama tanto os meninos ; não os meninos maus, turbulentos e perversos ; porém os bons, os piedosos e bem comportados.

Mas. poderá acontecer, me perguntais vós, que desgraçadamente algum de entre vós não tenha sido sempre bom, tenha cahido em algumas faltas, quem sabe ? Talvez mesmo graves ! Então esse menino será desprezado por Jesus ?

Não, não meus queridos leitorezinhos, Jesus não despreza o peccador arrependido !

Quando fazeis alguma travessura grande, vosso pai e vossa mãe se enfadam ; porém

se ides ter com elles arrependidos, se prometteis não tornar mais, elles vos abraçam, vos perdoam e procuram com ternas palavras, mostrar-vos que haveis feito mal; depois dão-vos um terno beijo e voltais a vossos estudos ou brinquedos, cheios de paz e consolação.

O mesmo faz Jesus, o nosso divino Salvador!

Foi para nos purificar dos peccados, para nos reconciliar com Elle, que instituiu o Sacramento da Penitencia, isto é, a confissão, em a qual nos são perdoados os peccados commettidos depois do Baptismo. Se os meninos fizerem uma bôa confissão, seus peccados ficam perdoados e elles receberão a Sagrada Communhão com alegria, e voltarão para suas casas cheios de paz e muito venturosos, porque receberam a Jesus em seu coração!

E lhes acontecerá o mesmo que a Edu-

ardo e Amelia, que fizeram uma boa e santa primeira Communhão; foram sempre bons e felizes, e passados muitos annos, mesmo já bem velhinhos, se recordavam da ventura que sentiram nesse dia, e repetiam sempre: — O dia mais feliz de minha vida, foi o de minha primeira Communhão!



OS ANOS DE ELVIRA

A menina Elvira andava muito contente, pois faltava pouco para o dia de seus annos.

Ella contava as horas, contava os momentos, até que afinal chegou esse ditoso anniversario!

Oh! como acordou alegre e contente!

Seu primeiro impulso ao despertar foi examinar debaixo de seu travesseiro, a ver se acaso seus queridos pais teriam ahi escondido algum delicado mimo.

Lembrou-se porém que sua mamãe lhe recommendava sempre, que seu primeiro cuidado quando acordasse, devia ser, elevar seu pensamento a Deus e encomendar-se a Elle e a Nossa Senhora; e como era uma menina piedosa e obediente, não queria faltar a esse dever, muito princi-

palmente em o dia de seus annos, no qual ella queria ainda com mais fervor, implorar o auxilio de Deus e a protecção da Virgem Santissima, nossa boa Mãi do Céu !

Ajoelhou-se portanto, e fez com muita devoção a sua pequena oração da manhã, depois do que foi olhar para ver o que haveria junto ao seu leito, e grande foi a sua alegria ao avistar duas caixas de papelão. Em uma dellas estavam escriptas as seguintes palavras: *Para Elvira; seu Papai lhe offerece esta linda boneca em recompensa de sua applicação ao estudo.*

Na outra: *Esta caixinha de costura é para uma menina cuidadosa, que não perde nunca suas agulhas e dedal, e merece este premio que lhe dá sua mamãi.*

Elvira pulou de contente e vestindo-se depressa, correu a agradecer a seus bons pais.

Na sala de jantar, nova surpresa a es-

perava! Um lindo côrte de vestido de lã, presente de seu padrinho e um apparecilhozinho de almoço de boneca, que lhe enviava a sua madrinha.

—Oh! mamãi, veja, disse Elvira, tem chicarasinhas, leiteira, manteigueira, bulesinho, pratos para fatias, tudo, tudo! E não são cousas muito pequenas, não! Póde-se beber chá ou café nestas chicaras. Dá licença mamãi, que eu almoce nellas?

— Pois não, minha filha, faze o teu gosto.

Mas eis que pára um carro á porta.

—E' vóvó com titia Joaquina, exclamou Elvira correndo-lhes ao encontro; oh! vóvó, continuou, que embrulho tamanho é esse?

—E' um presente que eu trouxe para uma menina que eu conheço e que faz hoje annos, respondeu a avó.

—Obrigada vóvó. O' que lindo vestido de fustão branco bordado e já feito!

Olhe mamãe! Como vóvó é boa! E a linda faixa azul! Vou vestir o vestido hoje mesmo, sim mamãe?

— E agora o meu presente, disse a tia Joaquina, apresentando um bonito livrinho todo dourado e cheio de pinturas.

— O' que lindeza, titia, minha titiazinha, que bonito livro! E titio Antonico não vem?

— Foi para a Camara, mas ha de vir jantar, e encarregou-me de entregar-te esse pão-de-ló dos Anjos e esses doces e bolinhos, que mandei pôr na mesa junto de teu prato. Vamos porém almoçar, pois já são dez horas.

Com effeito puzeram-se todos á mesa com muita alegria, mas Elvira de repente tinha-se tornada pensativa; calada ella olhava para todos os seus ricos presentes, para as delicadas iguarias que nesse dia cobriam a mesa; abaixou os olhos, duas lagrimas

lhe correram pelas faces e um soluço lhe escapou do peito!

— Que tens Elvira? perguntou-lhe a mãe, correndo assustada para ella.

— Que tens? perguntaram o pai e as outras pessoas, admiradas.

— Mamã, papai, vóvó, disse a menina lembrei-me que a Claudina, aquella menina pobre filha da Senhora Genoveva, que é lavadeira de mamã e mora em um daquelles quartinhos na chacara do vizinho, disse-me hontem que ella tambem fazia annos hoje, oito annos como eu! Coitadinha, ella talvez não tenha hoje, nem farinha, nem pão bastante para comer, e eu. E a boa menina desatou em pranto! Mamã, continuou depois de um momento, de silencio, mamã faz-me um favor? Quer me dar um grande gosto, hoje dia de meus annos? Deixe eu reparar alguma cousa com a pobre Claudina!

Deixe-me dar-lhe este bom córte de lã e estes doces!

— Sim, minha filha, sim, disse a mãe estreitando-a nos braços, e eu não quero ficar atraz; leva-lhe tambem este bilhete de 10\$000 que lhe ha de servir para alguma cousa.

— André, disse então o pai que até ahi se conservára calado, vai chamar a Senhora Genoveva e sua filha. De hoje em diante, hão de morar aqui em um bom quarto e nada lhes ha de faltar. Vem cá minha filha, continuou dirigindo-se para Elvira, recebe a minha benção! E seja-te ella penhor, daquella que de certo te ha de lançar o Senhor, neste dia feliz, em que, no meio da abundancia e alegria, não esqueceste os pobres e abandonados!



A GOMMA ELASTICA

— Que tens Miguel, que estás tão pensativo, perguntou o coronel Ignacio a seu filho, intelligente menino de cerca de treze annos, o qual passeava a passos largos pela sala com ar preoccupado.

— Estou procurando, papai, como hei de fazer uma composição que o professor nos mandou escrever.

— Sobrê que materia ?

— Elle mandou que escolhessemos cada um uma planta ou producto do Brasil, e que fizessemos uma dissertação sobre suas qualidades, utilidade, etc. E prometteu um bello premio a quem a fizesse melhor.

— Já escolheste ? A materia é ampla ; o Brasil abençoado pela Providencia, produz arvores e plantas preciosissimas. Tens o café, a canna, o algodão; o fumo.

— Mas papai, o café já foi escolhido pelo Mendes, a canna pelo Sampaio, o algodão pelo Juca Neves, e o arroz pelo Mirandinha.

— Queres o cacáo, a baunilha, a araruta
ta Ah! agora me recordo; toma a carnaúba, viçosa e bella palmeira, que resiste até mesmo ás désoladoras seccas do Ceará; é uma das arvores de que se tira maior proveito. Suas raizes são medicinaes, o tronco serve para construcções; de seu palmito que se come emquanto novo; extrahe-se uma gomma semelhante ao sagú, e tambem se faz vinho. Alguns aproveitam a amendoa de seu fructo que torram, pizam e usam como café. De suas folhas seccas fazem-se esteiras e cestas, e essas folhas exportam-se para a Europa, onde com ellas manufacturam chapéos muito finos. Emfim tem ainda muitas outras utilidades, entre as quaes uma das mais aprecia-

das, é a cêra que suas folhas produzem e com a qual se fabricam vellas. Tens tambem a seringueira, isto é, a arvore da borracha...

— Sim, sim papai, escolho a borracha, pois outro dia eu ouvi um homem que estava conversando com o meu professor, dizer que a gomma elastica brasileira é a melhor que se conhece. Diga-me papai, sim ? alguma cousa a respeito da borracha.

— A seringueira ou arvore de que se extrahе a borracha, nasce no valle do Pará e do Amazonas. Podes ahi fazer em bonito estylo, uma bella descripção dessas florestas onde cresce espontaneamente. Obtem-se a gomma por meio de incisões que se fazem na arvore. Quando chega a epocha determinada, aquella gente pobre que se occupa nesse mister, embarca em uma canôa de montaria, como chamam ; vão as familias inteiras, e levam comsigo tudo quanto lhes pertence, ficando as pobres casinhas intei-

ramente vazias. Dirigem-se para o seringal, e ali constroem os seus ranchos, onde habitam por espaço de tres mezes mais ou menos, em cujo tempo se empregam, como já disse, em recolher a gomma.

Feitas as incisões, collocam as panellas para aparar o liquido que escorre ; á noite levam-o ao fogo, para fazer evaporar uma substancia que contém. Depois de fria, a borracha em fórmula de pães, fica prompta para a exportação. Tens assumpto para uma interessante narração, que pôdes mesmo tornar assaz dramatica, pois muitas vezes acontece que esses ranchos são atacados pelos indios, que os roubam e destroem, e matam os infelizes que apanham desprevenidos !

— Obrigado papai, obrigado, disse o menino muito satisfeito ; vou já trabalhar na minha composição.

Muito estimaremos que alcance o premio.

D. RITA

Quinóta completava os seus nove annos; seus pais tinham convidado uns poucos de meninos e meninas, todos muito bons e bem educados, para passarem o dia com ella e seus irmãos e irmãs.

Tinham jantado na chacara, debaixo de uma copada mangueira. O jantar havia sido muito abundante e variado. Tinha havido Perú, presunto, leitão, empada e muitas outras iguarias e doces delicados. Os meninos tinham comido bem, mas como não eram gulosos nem mal-creados e sabiam que o comer muito é feio e faz mal á saude, tinham sido moderados, e d'ahi a algumas horas, poderam de novo merendar excellentes fructas e saborosos biscoitinhos.

—E agora, disse Quinóta, a rainha da festa, vamos todos nos assentar ao redor daquella mesa que está debaixo do caramanchão, para ouvirmos uma historia, pois vocês bem sabem que D. Rita está ahi, e eu já lhe pedi que viesse ter comnosco, e já arranjei uma cadeira para ella se assentar tambem.

—E ahi vem ella, exclamaram os meninos correndo ao encontro da amavel senhora, a qual cheia de bondade se encaminhava para o grupo de creanças; aqui vem D. Rita.

—Sim, aqui estou eu, respondeu sorrindo, aqui estou eu, meus meninos.

—E aqui está a sua cadeira, disse Quinóta, e com uma almofada para a senhora se encostar.

—Obrigada, minha filha, aqui estou já assentada e bem a meu commodo; e agora

que todos estão em seu lugar, digam-me o que desejam de mim.

— Uma historia ! uma historia ! gritaram os meninos todos a uma voz.

— Mas qual ha de ser ? perguntou D. Rita com toda a paciencia ; querem a da — Bella e da féra ? —

— Ora, essa não, disse Gaspar, é tão sabida !

— A da — Gata-borrallheira ? —

— Todos sabem essa, disse Mariquinhas já não tem graça.

— A da — Capinha-roxa ? —

— Tão antiga ?

— A do — Pollegarzinho ? —

— Não, não senhora ! Queremos uma historia que possa ter acontecido, e não de gigantes e fadas.

— E a da Baratinha, — não querem ?

— Ora, essa é para creanças pequeninas, disse o Julinho, que já tinha sete annos.

— Pois então, disse Quinóta, querem que eu escolha ?

— Sim, sim, responderam as meninas ; você é quem deve escolher ! Quinóta é a rainha da festa !

— Pois então Sra. D. Rita, eu lhe peço o favor de contar uma historia de quando a senhora era pequena ; eu gosto tanto quando nos diz :— No tempo que eu era pequenina !

— Pois bem, disse D. Rita, vou começar.

— Attenção, gritaram os meninos todos.

A boa D. Rita lançou um olhar satisfeito sobre o seu jovem auditorio, puxou sua caixa de rapé, tomou uma pitada e começou.

— No tempo em que eu era pequenina, eu tinha uma madrinha muito boa, a qual gostava muito de mim, e sempre que eu a ia visitar me dava um presentinho ; ás vezes era uma bonita goiaba,

outras vezes uma grande manga, ou um ovo de duas gemmas, ou algum bom doce.

— Que boa madrinha! disse uma das meninas.

— E mesmo! disse outra.

— Vocês já estão interrompendo, gritaram as outras.

— Não faz mal, disse D. Rita, eu continuo. Depois a boa madrinha mandava-me assentar em um banquinho que estava sempre junto da rede em que ella costumava estar, e começava a me dizer muitas cousas bonitas e proveitosas.

Contava como Nosso Senhor tinha vindo a este mundo para nos salvar, como Elle nascera em um presepio, como tinha soffrido tanto por nosso amor, e morrido em uma cruz! Dizia-me que eu devia ser boa, para dar gosto a Nosso Senhor, que devia obedecer muito a meus pais, respei-

tar os Sacerdotes, que são ministros de Deos.

—E não fazer como um menino que eu encontrei outro dia na rua, disse Gaspar, que estava escarnecendo de um religioso que ia passando! E' muito mal feito, não é?

—De certo, meu menino, e isso prova que seus pais não lhe deram educação, ou então que elle a não soube aproveitar. Porém, como ia dizendo: minha madrinha dizia que nunca mentisse. *Quem mente*, continuava ella, *não vem de boa gente*; que não tivesse amizade com meninos e meninas mal-creados, porque: *Dize-me com quem vives, dir-te-hei que manhas tens*. Recommendava-me que nunca fosse teimosa, que nunca fizesse uma cousa que eu conhecesse que não era boa só para agradar aos outros ; que se deve ser complacente para os mais, mas que tambem se deve

saber dizer: — não! — quando é preciso. Ella tambem me ensinava a rezar a Nossa Senhora, e ainda tenho um rosario dado por ella.

— Ainda tem? perguntou Rosinha.

— Como é? perguntou Amelia.

— E' azul e branco. Emfim a minha madrinha dizia-me tanta coisa bonita, que eu sempre sahia de junto della com vontade de ser muito boa.

— Tal e qual o que me acontece quando eu estou com a senhora, disse Quinóta.

— Sra. D. Rita, exclamaram as creanças, queira bem a todos nós, sim?

— De todo o meu coração meus meninos, mas com a condição de que sejam muito bons.

— Sim, sim, nós promettemos?

— Então para firmar a nossa amizade, vou repartir com todos, estes bonitos san-

tinhas que lhes trouxe, e que serão também um penhor da promessa que me fizeram!



O LAMPEÃO DE KEROSENE

—Cuidado, cuidado com esse lampeão de kerosene, disse D. Josephina toda assustada, vendo seu filho Americo procurando pegar no lampeão que estava acceso em cima da mesa; já tenho dito que não quero que pegues no lampeão.

—Ora, mamãi, que mal faz? Eu tomo bem cuidado, não deixo cair!

—Não, não quero, respondeu D. Josephina, tem acontecido muitas desgraças com estes lampeões; já te disse, não quero que toques em nenhum!

Americo largou o lampeão, porém em vez de obedecer de boa vontade a sua mãe, como devem fazer os meninos e me-

ninas, pois seus pais sabem o que é melhor para elles, poz-se em um canto da sala todo amuado e dizendo comsigo mesmo:

— Mamãï trata-me como se eu fosse creança, eu já tenho nove annos, não sou pequeno como o Jorginho; eu bem sei que o kerosene é perigoso, que pôde pegar fogo, fazer explosão e queimar muito; e o nosso doutor contou outro dia a mamãï, que tinha ido ver uma menina que estava toda queimada; mas foi porque brincou com os phosphoros. Eu cá já sou grande e sei lidar com estas cousas, por isso não ha perigo!

Pobre Americo! Teria sido melhor que elle obedecesse a sua mãï, e mandasse para longe de si esses pensamentos! Mas pelo contrario, assim que a mãï sahio da sala, elle foi para junto da mesa, poz-se a olhar para o lampeão e disse:

— Hei de mostrar a mamãï que não faz

mal nenhum eu bulir neste lampeão ; ora vejam, que mal pôde haver nisso ?

E pronunciando estas palavras estende a mão para pegar nelle ; aconteceu porém, que um dos seus dedos tocou no vidro que estava muito quente ; o menino fugindo depressa com a mão, bateu no lampeão, o qual cahindo, entornou o kerosene incendiado sobre a mesa !

Americo assustado do que havia feito, em vez de correr logo e chamar quem acudisse, pois sua mãe lhe perdoaria tudo, quiz ver se podia apagar o fogo, mas eis que a chamma atêa-se na manga de sua jaquetinha e sobe, sobe. Ah ! desgraçado menino ! Já não foi mais tempo ! A pobre mãe acode aos gritos de angustia de seu filho ; debalde porém, procuraram salvá-lo ! Dois dias depois o infeliz Americo expirava no meio de cruellissimas dores, dizendo com voz já quasi extincta, a seus irmão-

zinhos que chorando rodeavam o seu leito de morte :

— Não desobedeçam nunca a mamãe ! Se eu tivesse obedecido não morria !



A ROSA

— O' mamãe, que linda rosa.
Eu vi hoje no jardim!
Vou colhel-a agora mesmo,
E um raminho de jasmim.

Era aqui nesta roseira,
Que brilhava tão formosa;
Não me esquece, eu bem a vi,
Tão corada e odorosa!

Todavia onde está ella?
Que não a posso encontrar;
Acaso o sol da manhã,
Já a faria murchar?

Sim, eis aqui suas folhas,
Todas no chão espalhadas;
Pobre flôr, duraste um dia,
Tuas glorias 'stão passadas!

—Minha filha, Eulina minha,
A belleza assim perece;
Dura apenas um momento,
Logo murcha e enlanguece!

Cultiva pois com esmero,
Da virtude a linda flôr;
Suas graças nunca findam,
Dura sempre o seu primor.



A CANNA DE ASSUCAR

A tarde estava bellissima e convidando a passear, pois o sol começava já a esconder-se, e uma viração branda e agradável refrescava a atmospherá.

O Major Guilherme, sentado em sua cadeira de balanço, acabava de tomar o seu café e fumava tranquillamente o seu charuto, quando eis que entram pela varanda seus dous filhos, Maneco e Fernando.

— O' papai, exclamaram ao mesmo tempo, a tarde está tão bonita, vamos passear?

— Pois vamos, disse o pai levantando-se da cadeira, vão buscar minha bengala e meu chapéo do Chile.

Os meninos correram a cumprir as ordens do pai, e alguns momentos depois, lá ião todos tres alegres e brincando.

Estava-se no mez de Setembro, que é

justamente uma das epochas em que se plantam as cannas, que aqui no nosso paiz, se costumam plantar duas vezes por anno, a primeira vez em meados de Fevereiro, e a segunda em Setembro.

Os meninos se encaminharam pois para um dos lados do sitio onde alguns homens trabalhavam.

— Lá estão plantando as cannas, exclamou Fernando.

— Fazem covas com as enchadas e vão mettendo dentro os pedaços de canna; olha Fernando, disse Mañeco, um faz as covas, o outro corta a canna, outro mette dentro das covas um dos pedaços, e o ultimo, finalmente, cobre tudo com terra.

— O' papai, perguntou Fernando, é preciso tanto trabalho assim?

— Esse modo de plantar que estás vendo, meu filho, é o modo antigo; actualmente emprega-se o arado para preparar

a terra, e plantam-se as cannas inteiras, deitadas horizontalmente.

— Que bello caldo, exclamou Maneco que havia apanhado alguns dos roletes e os chupava com gosto ; que bella cousa ! Mas porque escolhem as melhores cannas, de gomos tão compridos ? Não seria melhor aproveitar as mais ruins para se plantarem, e guardar as boas para nós chuparmos ?

— A planta ruim não dá boa produção, meu filho ; é preciso que a canna seja boa e madura e com olhos bem desenvolvidos.

— Papai, a canna de assucar veio-nos da ilha da Madeira, e quem a introduzio no Brasil foi Martim Affonso de Souza, não é ? perguntou Fernando.

— Alguns assim dizem, outros porém julgam que nos veio de S. Thomé, onde

costumavam tocar os navios que navegavam para a India e para o Brasil.

— Olhe papai, disse o Maneco, vamos nos sentar debaixo daquella arvore, e enquanto chupamos estes roletinhos, digamos como se fabrica o assucar, sim ?

— Vocês já viram o anno passado na fazenda de seu avô, como se vão mettendo as cannas na moenda, e como o caldo que escorre se vai depois fervendo em grandes tachas, passando-se de uma para outra...

— E quando chega á segunda, está em ponto de mellado, disse Fernando; eu me recordo que então se limpa das espumas, e é aquelle excellente mellado que eu gosto tanto de comer com farinha.

— Exactamente; porém como ia dizendo, vai-se passando o caldo de uma para outra tacha até que passa por cinco; principia então a granular e quando se acha na con-

sistencia requerida, deita-se nas fôrmas ou bacias e bate-se com as turbinas. Depois de chrySTALLISADO, procede-se á purgação ou clarificação, para o que se empregam varios processos.

— E o que é o mel do tanque ?

— As fôrmas ou bacias em que se deita o assucar, quando sahe da tacha, têm um furo no fundo, o qual se tapa enquanto o assucar não tem sufficiente consistencia ; destapa-se depois, e o liquido que vai escorrendo, é o que se chama mel do tanque.

— E como se faz a aguardente?

— Deposita-se o caldo que cahe das moendas em grandes vazilhas, e ahi se deixa fermentar. A principio é muito forte a fermentação ; vai porém abaixando pouco a pouco ; quando o liquido está amarello e a fervura apasiguada, deita-se nos alambiques para se distillar.

— E que mais, papai ?

— Seria longo meu filho, se eu lhes explicasse todos os processos para a fabricação do assucar e aguardenté, se eu lhes enumerasse todas as machinas empregadas para esse fim. Por emquanto basta o que lhes disse. Voltemos agora para casa, pois creio que teremos chuva ; já sinto alguns pingos que me cahem sobre o chapéo.



A MENINA E A BONECA

MENINA

Venha cá Sra. boneca, temos contas que ajustar! Como é que a senhora outro dia, quando eu a chamei para receber a visita da boneca de Alice, veio de tão máo humor, com um rosto feio; nem quasi parecia uma boneca bem creada. E depois á mesa, tão gulosa, querendo comer todos os doces!

(A mãe que estava cosendo, ouviu a conversa da filha; poz-se a rir e disse):

A MÃI

Venha cá, Sra. Sophia, tenho uma pergunta que lhe fazer: Porque é que hontem quando estive aqui a sua amiguinha Augusta, você estava com uma cara tão feia, tão amuada, nem quasi parecia uma menina bem creada!

MENINA

Mamãe, eu estava zangada, porque tínhamos que ir á casa de Alice, e a visita de Augusta transtornou tudo.

A MÃE

E era isso motivo para mostrar-se tão desagradavel para com uma amigazinha que tinha vindo tão cheia de gosto para passar o dia com você? Não teria sido melhor mostrar-se amavel e alegre para com ella?

MENINA

Mas, mamãe, eu queria sahir!

A MÃE

Bem sei! Você não se importava senão do seu gosto, de fazer a sua vontade, não é assim, minha filha? Pois fique sabendo, Sophia, que devemos muitas vezes renunciar a nossos gostos para fazer o dos outros. Não devemos ser egoistas. Você devia dizer

comsigo mesma: Augusta é tão boa, está tão contente de me vêr; eu sinto não sahir, mas quero vencer o meu máo humor, e mostrar-me amavel para com ella. Assim o dia teria passado muito agradavelmente, e você á noite teria se deitado contente, por ter cumprido o seu dever e dado gosto a sua amiga.

MENINA

Mas, mamãi, custa tanto a se fazer aquillo de que se não gosta!

A MÃI

Sim, minha filha, o sacrificio sempre custa, mas ao mesmo tempo, a pessoa que sabe vencer-se, gosa de muita paz e consolação, pois tem a consciencia de ter praticado o bem. Mas tratemos agora de um outro assumpto: Você, Sophia, accusava sua boneca de ser gulosa, o que na realidade é um feio defeito, e por isso admi-

rei-me outro dia de ver uma menina do meu conhecimento, á mesa do chá, esquecer-se de servir as suas amigas, cuidando unicamente de si mesma e enchendo não só o prato, mas a boca, de tal modo, que tendo-lhe uma pessoa feito uma pergunta, ella não pôde responder. Conhece essa menina? Chama-se.

MENINA

Oh! mamãi, não diga o nome della, não diga!

A MÃI

Pois bem, não direi; mas será com a condição de que ella se emende e seja d'aqui em diante uma boa, amavel e delicada menina.

MENINA

Sim, mamãi, ella promette e ha-de cumprir a promessa!



A GAVETA DA VÓVÓ

— Maricota, vem, vem depressa, vóvó vai arrumar as gavetas, chama o Joãozinho e Bernardina.

— Que é isso Gabriel, que estás gritando ahi?

— Mamã, não é nada, é vóvó que já subio para o quarto e vai arrumar as gavetas.

— E nós vamos ajudal-a, disse Bernardina que veio a correr

— Sim, mamã, vamos ajudar vóvó, disse Joãozinho.

— Ou antes, vão incommodal-a; olhem, eu não quero que atormentem vóvó, e vejam bem, não lhe peçam cousa nenhuma.

— Não, não, responderam os meninos, correndo para cima.

— Vóvó, disse Gabriel entrando no quarto em que estava a Sra. D. Joanna, aqui estão os seus netinhos que vêm ajudal-a.

— Sim, disse D. Joanna rindo-se, muito obrigada, já vejo que tendo tanto quem me ajude, terei pouco trabalho. Vamos Michaela, continuou voltando-se para a creada, comecemos a arrumar.

— Mas, vóvó, interrompeu Gabriel, vamos fazer tudo em ordem; sente-se em sua cadeira de braços junto da commoda; estenda os pés neste banquinho. Agora sim, Michaela vai puxando as gavetas uma por uma.

— Pois sim, respondeu a avó, comecemos pelo gavetão de baixo; Michaela, acrescentou com um arzinho malicioso, puxa a gaveta grande.

— Oh! essa não, vóvó, exclamou o Joãozinho, essa não tem graça! São só lençóis, fronhas, toalhas!

— E' verdade, disse Gabriel, é melhor começar pelas outras.

— Ah! ah! disse a avó, está-me parecendo que vocês querem divertir-se, não é senhores velhaquinhos?

— Divertir só, não vóvózinha, podemos juntar o util ao agradável, respondeu a doutora Bernardina.

— Pois bem, disse a avó, Michaella puxa a gaveta do meio.

— A das cousas bonitas, vóvó, que bello! exclamaram os meninos batendo com as mãos.

E de facto, a gaveta da vóvó tinha muita coisa bonita, e os meninos por longo espaço de tempo se divertiram examinando um por um os diversos objectos que tiravam. Elles viram, além de varias caixinhas e differentes miudezas, lindos lenços bordados, que lhes disse a avó, eram fabricados com fio tirado da rama do ananaz.

e uma pequena manta de fio da palmeira que dá o côco de tucum. Viram collecções de borboletas de brilhantes côres, artefactos fabricados pelos indios, saquinhos cheios de cheirosas favinhas do Pará; emfim, muitas cousas, e entre ellas, bem fechados em uma bocetinha, a avó lhes mostrou uns diamantes brutos, isto é, em seu estado primitivo.

Os meninos se admiraram de que essas pedras envoltas em um involucro de terra e tão feias, fossem os brilhantes refulgentes, que elles viam tantas vezes em bonitos adereços nas lojas dos ourives. A avó lhes explicou os differentes processos por que passam, etc.

Ella lhes mostrou tambem uns pedaços de pedra onde se via ouro.

Emfim os meninos não se cançavam de ver e de ouvir as instructivas explicações da boa avó.

Havia, porém ainda um restinho de objectos mais insignificantes.

—O' vóvó, disse Bernardina, que lindos balainhos; sei que são de São Paulo, um maior, outro dentro, outro dentro do outro, e assim até que chega um tão pequenino; que lindeza! E Bernardina lançava um olhar para os balainhos, que bem mostrava quanto os desejava!

A avó porém, nada disse e continuou a tirar da gaveta os differentes objectos.

— Que lindas pennas! Que é isto, vóvó? perguntou Gabriel.

— São papos de tucano, meu menino, respondeu a avó.

— Que bonitos, oh quantas lindas côres, disse o menino; como Deus fez tanta coisa bella.. e olhem, olhem, que bonito passarinho cheio descobri; tem a cabecinha toda escarlata; como se chama, vóvó?

— Cardeal, respondeu D. Joanna.

— O' vóvó, vóvo, interrompeu Joãozinho, um bixinho de páu, parece um porquinho do matto!

— E' uma anta Joãozinho, mas não é de páu, é feita de guaraná.

— O que é guaraná?

— O guaraná é fabricado pelos indigenas do Pará, que empregam para essa composição os fructos de uma arvore especial, etc. Rapa-se o guaraná e misturado com agoa é uma excellente bebida medicinal e refrigerante.

— Ah! quanta cousa vóvó tem, disse Maricota, que até ahi se conservára silenciosa, mas que nas pontinhas dos pés, para chegar á gaveta, não perdia nada de vista; que porção de retalhinhos de seda; estavam bem bons para vestidos de minha bone.

— Ah! exclamou Gabriel interrompendo-a e fallando-lhe baixinho ao ouvido,

Maricota você se esqueceu que mamãe prohibio que se pedissem cousas a vóvó.

— E' verdade, tinha-me esquecido, respondeu Maricota; mas vóvó, disse levantando mais a voz, porque é que vóvó tem tanta cousa?

— E' porque não desperdiço, não estrago e tenho cuidado nas cousas, e por isso posso ás vezes dar meus presentinhos; não sabem que a economia é mãe da generosidade?

— E vóvó é muito generosa, disse Bernardina. oh que lindo alfinete de peito, acrescentou olhando para a gaveta, vóvó, é todo de besoirinhos.

— O que é que está n'aquella caixinha? perguntou Joãozinho.

— Linguas de perguntadores, respondeu D. Joanna rindo-se. Pois muito bem, acrescentou dirigindo-se aos netinhos, visto terem-me ajudado com tanto juizo,

vou agora dar um premiozinho a cada um, mas é com a condição de que respondam direito ás minhas perguntas.

Vamos lá, Bernardina, começarei por ti que és a mais velha. Desejaste o terno de balaios e o alfinetinho de besoiros ; será tudo teu, se me disseres, por quem e como foi fundada a cidade do Rio de Janeiro.

— A cidade do Rio de Janeiro foi fundada no anno de 1567, por Salvador Corréa de Sá, depois de encarniçada batalha em que os francezes foram expulsos do nosso territorio, mas que infelizmente custou a vida ao bravo e heroico Estacio de Sá, o qual juntamente com seu tio o Governador Geral, Mem de Sá, fez prodigios de valor. A batalha foi dada no dia em que a Igreja commemora a S. Sebastião, o qual foi escolhido por protector da nascente colonia e cidade.

— Muito bem, ganhaste os premios, aos quaes accrescento esta bonita cuia do Pará em fórma de cesta. Agora tu, Gabriel, ganharás o passarinho cheio e uma bengalazinha de madeirã tambem do Pará, se me disseres em que anno e por quem foi descoberto o Brazil.

—No anno de 1500, por Pedro Alvares Cabral. Elle navegava para a India, as correntes, porém, arrastaram-o para o lado do occidente, onde avistou uma nova terra. Bravo, bravo, ganhei o premio, não é vóvó ?

— De certo, respondeu a avó; agora tu Joãozinho.

— O' vóvó, pergunte uma cousa facil, sim ? disse Joãozinho, uma cousa que eu já saiba.

— Pois bem; qual foi o primeiro Governador Geral do Brazil ?

— Foi Thomé de Souza, vóvó.

— Muito bem; ganhaste esta linda antezinha de guaraná.

— Obrigado, vóvó, e para quem fica o moringuezinho da Bahia, que tem uma pombinha em cima com um furo no papo para se chupar a agua?

— Para uma boa menina chamada Maricota que é ainda pequenina para saber muito, mas que terá o moringue e os retalhinhos de seda, se responder a uma pergunta que vou fazer.

— Qual é, vóvó, qual é?

— Se gostas muito de tua vóvózinha.

— Muito, muito, respondeu a amavel menina, lançando-se nos braços da avó e beijando-a ternamente!



O MENINO DESOBEDELENTE

— Quero apanhar as conchinhas,
Na praia junto do mar;
Mamãi é muito assustada,
Nunca nos deixa brincar!

— Deus nos livre, ó meu irmão,
Mamãi já tem proibido;
Sempre desgraça acontece
Ao menino mal ouvido!

— São historias, Mariquinhas,
Que nos ha de acontecer?
O mar não é mui distante,
Vamos depressa, a correr

Olha como está sereno,
As ondas tão socegadas;
Vem apanhar as conchinhas,
Na branca areia espalhadas!

—Promettemos a mamãe,
Não ir nunca desse lado,
Não faltemos á promessa,
Vamos correr pelo prado!

—Pois então irei sózinho,
Fica sózinha tambem;
Não tenho medo, sou homem,
Não obedeço a ninguem!

E lá se foi o louquinho,
Correndo junto do mar;
A pobre irmã ficou triste,
Sentou-se e poz-se a chorar

Era já tarde, o menino
Inda não tinha voltado,
Debalde a mãe o procura,
Na praia, no monte e prado!

A medonha noite escura,
Já desdobra o negro véo,
Inda o chama, e só responde,
Das vagas o escarcéo!

De manhã por sobre as ondas,
Boiava um tenro corpinho!...
Meninos tomai exemplo
Deste infeliz coitadinho!



OSÉ

Pobre José, coitadinho, tem apenas nove annos, seu pai falleceu haverá um mez, e sua mãi jaz em um leito de dôres!

Todos os pequenos recursos da familia se acham esgotados!

José, por ordem de sua mãi, acaba de levar á casa do visinho marceneiro, o ultimo traste que restava!

Uma pequena mesa de jacarandá que a desgraçada viuva estimava muito, pois tinha sido de sua mãi, e depois quantas vezes ella mesma e seu marido, encostados cada um de um dos lados da mesa, haviam conversado alegremente!

O vizinho lhe havia mandado 1\$000. Ai! 1\$000 por essa mesinha de tantas recordações!

Meus meninos, não é verdade que se algum dia poderdes, haveis de procurar socorrer aquelles pobres, que escondidos em suas casas, tem tantas necessidades? Se soubesseis, talvez que muitas vezes vos privasseis de alguns vintens destinados a comprar doce ou algum brinquedo, e os desseis a algum pobrezinho! Esses vintens, Deus vos havia de restituir, pois

O dar esmola não empobrece!

Mas voltemos á nossa historia.

— Leva a mesinha, meu filho, lhe disse-
rá a mãe com voz fraca.

O pobre menino chorava!. De repente
lhe acóde á mente um pensamento!

— Mamã, disse, se o vizinho quizesse
sómente guardal-a como penhor e empre-
star-nos o dinheiro? Quem sabe? Talvez que
eu possa vir a ganhar alguma cousa, eu
hoje rezei muito a Nossa Senhora e lhe pedi
que me inspirasse o que devo fazer, talvez

que eu possa vir a pagar os 1\$000 e mamãe torne a ficar com a sua mesinha.

O visinho annuo; José exultou e poz-se a reflectir e imaginar o que havia de fazer para ganhar dinheiro.

— Se eu tivesse um banquinho, duas escovase e uma caixa de graxa, podia engraxar botinas, como vejo aquelles meninos fazerem; mas como arranjar tudo isso? . .

De repente pára um bond e uma senhora elegantemente vestida, desce appressadamente e entra em casa.

E' a vizinha que mora no sobrado grande de grades de ferro. E' muito rica, o marido é um negociante forte, ella tem uma grande chacara e um jardim tão bonito! . .

Mas eis que José vê no chão um papel; aparha-o: Oh! é uma nota de 10\$000! 10\$000! Que bello! E José pensou consigo mesmo:

— Agora sim! Agora vou buscar outra

vez a mesinha; agora mamãi pôde tomar um caldinho de carne, ella què ha tanto tempo não tem senão mingáo de farinha! E posso comprar as escovas, posso. Ah! mas. mas. Eu não posso ficar com este dinheiro, este dinheiro não é meu; é da vizinha do sobrado, que o deixou cahir! mas ella é tão rica, mamãi não tem que comer!.

E o pobre menino tapou o rosto com as mãos e chorou! O combate foi rudo porém elle era um menino bom, elle sabia que:

O bem alheio não enriquece!

E que Nossa Senhora de quem elle era tão devoto, de certo o podia ajudar sem elle commetter uma acção má, um furto!

E mais consolado, encaminhou-se para o sobrado e subio a escada. Batia-lhe o coração! A's vezes. era um pensamento mau; vinha-lhe o desejo de correr e

vir-se embora; mas elle beijou com devoção a medalha de Nossa Senhora que trazia ao pescoço, encommendou-se a Ella e tocou a campainha.

Uma senhora, a propria dona da casa, veio abrir; vendo o menino, sorrio.

— Que quer você, menino, perguntou, e reparando em seu rostozinho banhado em lagrimas, acrescentou com interesse, você está doente ?

— Não, não senhora, disse corando, mas eu venho trazer estes 10\$000 que a senhora deixou cair ainda agora quando desceu do bond.

— E' uma boa acção, disse a senhora pegando no dinheiro, com effeito vi que os havia perdido, mas não sabia aonde; porém porque é que você está chorando ?

José corou ainda mais, abaixou os olhos e não podendo mais conter-se rompeu em soluços.

— E' porque. . é porque, respondeu, ah! a senhora ha de dizer que eu sou muito mau! Eu tive tentação de ficar com o dinheiro, porque mamãi está doente! Mas me encommendei a Nossa Senhora e Ella me ajudou e me deu animo para não fazer uma cousa tão má!

— E Ella tambem ha de soccorrer a você, meu menino, Ella auxilia sempre os que sabem resistir ao mal! Volte para casa e diga a sua mãe que não se desanime. Dou graças a Deus por me escolher para instrumento de sua providencia.

José voltou para casa radiante! Como agradeceu a Maria Santíssima ter-lhe dado força para não commetter uma ruim acção.

E' escusado dizer, que a senhora cumpriu a palavra. Nessa mesma tarde, um bóm medico vio a doente, que recebeu todos os cuidados e soccorros que precisava; a pobre mesinha voltou para o seu cantinho

e José ganhou muito mais pela sua boa acção do que se tivesse roubado os 10\$000!

Demais, a senhora não se limitou unicamente a isso. Continuou a proteger a mãe e o filho, e como ambos persistiram a trilhar o caminho da virtude e probidade, ella augmentou os seus beneficios.

Hoje em dia, José, como guarda-livros do marido da dita senhora, e gozando de sua inteira confiança, occupa uma boa posição, e em sua commoda casinha, apoiado naquella mesinha de que jámais se quiz separar, conversa alegre com sua mãe, e ambos louvam a Deus, com sinceras acções de graça.

O CAFÉ

— Chegou papai, chegou Joãozinho, viva, viva, gritava o pequeno Frederico, indo a correr ao encontro do pai e irmão, que voltavam de um passeio que haviam dado ao sitio do tio João, padrinho de Joãozinho. Que me trouxe, papai, que me trouxe, Joãozinho?

— Que trouxe? Muita cousa, mas primeiro quero saber como te tens portado, se tens sido bom menino, se tens obedecido a tua mãe, estudado.

— Tenho, papai, pergunte a mamãe; não é verdade, mamãe, que tenho-me portado muito bem?

— De certo respondeu a mãe sorrindo, hontem sómente é que não soubeste bem a lição, estavas lendo com uma voz de pregui.

— Ora, papai, era uma historia a respeito do café, tão aborrecida! Não sei porque esta gente que escreve para os meninos, põe nos livros estas cousas.

— E' para os meninos se acostumarem desde pequenos a aprender o que lhes pôde ser util para o futuro. Além disso o café constitue uma das riquezas do Brazil; é um dos generos mais importantes do seu commercio.

— Ora ahi está! Eu que não sei o que é commercio!

— Commercio é uma troca feita entre as nações; mandam-nos o que têm, quer sejam productos naturaes, como por exemplo, o trigo, quer artefactos de sua industria, como pannos, machinas, etc., e nós lhes enviamos tambem os nossos generos, como, por exemplo, o nosso algodão, o nosso fumo, o nosso café.

— Sim, papai, mas a historia do livro

não fallava em commercio, dizia só, que o café é originario da Arabia, que não se sabe com certeza quando foi introduzido no Brazil, mas que se julga ter sido no meiado do seculo XVIII que se plantaram as primeiras sementes na provincia, hoje do Amazonas, que do Amazonas passou para o Pará, do Pará para o Maranhão, e que um desembargador, do Maranhão, chamado João Alberto Castello Branco.

— João? O' que bello! meu chará, exclamou Joãozinho.

— Foi quem o trouxe para o Rio de Janeiro, de onde se espalhou por todas as provincias. Bem vê, papai, que sempre dei attenção á lição, não é?

— Tens razão, meu filho, e acho que mereces uma recompensa; vou pois fazer-te presente desse lindo gaturamo que vês

n'aquella gaiola, e tambem terás abundante quinhão de côcos, beijús e rapadura.

—Bem bom, exclamou Frederico batendo palmas, vamos começar pela rapadura!

—Mas, disse a mãe, eu tambem guardei um presente para o Joãozinho, porém quero que o mereça igualmente, contando-me, visto que se trata de café, o que vio a esse respeito no sitio de seu padrinho, pois quero vêr se obedeceu á minha recommendação, de observar tudo com muita attenção, para se instruir.

—Sim, mamãe, sim respondeu Joãozinho, eu lhe vou contar o que vi, e espero ganhar o lindo presente. O que é mamãe?

—Ora isso agora é muita curiosidade; vamos ver primeiro, se mereces ou não o premio.

—Pois sim, mamã, eu lhe conto. Primeiro que tudo colhe-se o café quando está maduro; aquelles bonitos bagos de um vermelho escuro. Vai depois para uma machina que se chama *Despolpador*, e que tira a casca ou polpa. Papai, aquella polpa não serve para nada?

—Da polpa pôde-se extrahir muito boa aguardente, e na Arabia faz-se da casca do fructo uma bebida estimada que chamam *Café a la sultana*. O café é um arbusto muito util, pois suas folhas servem para banhos medicinaes e sua madeira para muitos artefactos. Porém não interrompas mais a tua narração, continúa.

—Pois bem, mamã, depois lava-se o café, em grandes tanques de alvenaria, secca-se nas estufas ou em terreiros arrançados de proposito para esse fim, pila-se depois, usando-se de uma mó ou cylindro de madeira, que se faz mover sobre seu eixo, por

meio de um animal ou mesmo por meio de agua; e faz-se isto para arrancar-lhe a pellicula e deixar o grão solto. Vai depois para o *Ventilador* que o limpa de todas as pelles ou palhas; torna-se a seccar ao sol ou nas estufas, escolhe-se depois, ensacca-se e fica prompto. Meu padrinho me disse, que ha muitos outros modos de preparar o café, e que cada vez mais se aperfeiçoam as machinas destinadas para esse fim, e que.

— Basta, porém o que disseste meu filho, e eis aqui em recompensa, um beijo de tua mãe e este bonito livro; e agora, vamos jantar, pois devem estar com bom appetite!



RIACHUELO

Quatro meninos conversavam alegremente na chacara, debaixo de uma magnifica mangueira e ao redor de um banco de pedra, onde se achava assentado o Commendador Martinho, seu avô, o qual sorria com benevolo affecto, ouvindo as argentinas gargalhadas dos rapazes, que ora correndo, ora sentando-se a seu lado e ora de pé, argumentavam entre si.

— *Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno.*

Exclamava o mais velho, por nome Affonso, brandindo com bellicoso ardor á guisa de espada, uma varinha que tinha na mão. Eu por mim, quero ser um valente defensor da patria.

— E eu, magistrado ou advogado, respondia Jeronymo; que bello ir a um jury,

defender, salvar um innocente injustamente condemnado, arrebatat á miseria, uma viuva, um orphão !

— Pois eu quero ser medico, dizia Alberto; viva a sciencia medica ! Dá-se missão mais bella do que a do medico ? Entra-se em uma casa ! Tudo está em pranto ! E' um filho que chora seu pai moribundo, uma pobre mãe que vê quasi expirando o seu nenezinho querido ! E o medico entra, examina, pega na penna, receita e . .dahi a pouco, se Deus se digna ajudal-o, o doente está bom, os prantos acabados ; tudo é consolo e alegria ! Sim, decididamente quero ser medico !

— Nada melhor que advogado, replicou Jeronymo ; estou inteiramente resolvido. Deixe-me ver se acabo depressa estes preparatorios ; vou já matricular-me na academia de Direito ; que acha vovô ? Vou para S. Paulo ou Pernambuco ?

— Você que ainda está no primeiro anno de Pedro II ? Tens tempo, meu amigo, vai primeiro dormir um somno !

— E você senhor militar ? Está mais adiantado do que eu ? Com sua espada de vara ! Pensa já que é o Caxias ou o Ozorio, não é ?

— Basta, disse o avô, não quero desordens. Mas tu, Raphael, nada ainda diseste, continuou dirigindo-se a um dos meninos, que escutava sorrindo com ar affectuoso, a conversa dos irmãos ; que has de ser ? Pretendes ser official de marinha, engenheiro, negociante ? Ou preferes tomar conta da minha fazenda e plantar café ?

— Oh ! vovô, eu quero ser padre, respondeu Raphael abraçando o avô. Diga, vovô, não é tão sublime a missão do sacerdote ? Ministro de um Deus de bondade, elle reconcilia o peccador, consola o

moribundo com a esperança certa de uma vida melhor, e. e. accrescentou mais baixo, não é verdade, vovô, que lá longe nos sertões, ha ainda tantos indios, tantos selvagens que não conhecem a Deus? Pois eu quero ir instruil-os, cathechisal-os, ensinar-lhes a conhecer e a amar a Deus. Oh! que ventura ser um apostolo! E além disso eu tambem sou brasileiro e amo muito a meus patricios, e não é uma obra boa, ir tornar venturosos esses pobres indios que são brasileiros tambem? Não acha, vovô, que nós temos mais obrigação ainda de ir civilisar e colonisar a esses do que aos outros?

— Tens razão, meu filho, respondeu o ancião, beijando-o affectuosamente na frente, enquanto que uma lagrima lhe assomava aos olhos.

— Mas se os indios comerem a você, Raphael? perguntou o militar.

— Serei martyr, respondeu resolutamente Raphael; acaso um homem receia, então? A morte não é nada quando se morre praticando o bem, quando se morre por amor de um Deus que tambem morreu por nós! Demais, vocês estão igualmente arriscados a morrer; você na guerra, Affonso..

— Olá! morrer pela patria! Isso é bello, é glorioso!

— E você, Alberto, se houver alguma epidemia, alguma dessas molestias terribes e contagiosas, de certo que não hade desamparar o seu posto á cabeceira dos doentes, nos hospitaes!

— De certo que não! exclamou Alberto.

— Então pelo que vejo, ser advogado é o menos arriscado, disse Jeronymo.

— Em todas as profissões ha perigos, respondeu o avô, porém trate cada um de cumprir os deveres do seu estado, o mais fica nas mãos de Deus.

— E' verdade, disse Raphael.

— O' amor da patria, amor da patria! exclamou novamente Affonso, mas o que ainda não sei, é se devo ser militar ou official de marinha. Apre! Que feito glorioso, aquelle combate naval do Riachuelo, heim vovô? O Lopes, que pensava que apanhando de surpresa a esquadra brasileira, faria alguma cousa, desce pelo rio abaixo com oito vapores, trazendo a reboque seis *chatas*, e ainda em cima, isto tudo protegido pelas baterias que durante a noite tinham sido assestadas em terra! Faça ideia vovô; mas qual! O nosso Barroso que era o commandante, no meio desse horrivel perigo não desanimou, não! Parece mesmo que Deus o inspirou nesse momento. Arremetteu com o seu vapor *Amazonas*, como se fôra um encouraçado, e... zás, vai a pique um vapor paraguayo, trás, lá vai outro, e depois outro, e os

nossos bravos. ah! vovô, que luta! Foi terrível, mas viva o dia 11 de Junho, vivam os brasileiros! Os paraguayos foram completamente derrotados e nunca mais tiveram o atrevimento de atacar a nossa esquadra!

— Na realidade, foi essa uma victoria grandiosa, que cobrio de gloria o denodado commandante Barroso, hoje Barão do Amazonas, respondeu o avô; foi um feito tão esplendido, que os proprios inglezes, tão amestrados nos combates navaes, o celebraram, dando a um de seus navios o nome de—*Barroso*.

— Oh! vovô, exclamou de repente Eugenia, linda menina de doze annos, que chegára emquanto seu irmão fallava, eu sinto o coração bater-me quando se relatam estes factos! Mas uma mulher nada pôde fazer; ella não ha de armar-se e ir á guerra, não acha?

— Tens razão, minha filha, acho que isso seria improprio de teu sexo, salvo em algum caso muito excepcional.

— Mas então, vovô, que póde uma mulher fazer a bem da patria?

— Tanta cousa, Eugenia!... E demais, não póde ella ser uma D. Anna Nery?



CONCLUSÃO

E agora meus queridos pequenos leitores, minhas leitorazinhas, agora que haveis lido as historias do Livro de Antonico, é tempo de vos dizer adeus. Não quero todavia apartar-me de vós, sem que tenhamos uma pequena conversa, pois sabei, que a authora deste livrinho, muito vos quer, e que um de seus maiores empenhos é que sejais bons e por consequencia, felizes, pois quem é virtuoso é sempre feliz, porque embora nesta vida, em que não faltam amarguras, encontre tristezas e dissabores, conserva sempre em si um sentimento de paz, um suave socego d'alma, fructos preciosos da virtude e da boa consciencia !

Promettei-me então, meus queridos meninos e meninas, antes de nos apartarmos, promettei-me digo, que sereis sempre bons !

Os meninos devem ser piedosos, cheios de santo temor de Deus, que os apartará do mal; devem amar a religião e pratical-a.

Devem respeitar seus pais, os seus superiores, e emfim, todos aquelles que ou pela sua idade, ou pelo character que os reveste, são dignos de veneração.

Devem fugir dos máos companheiros como da peste, e ter energia sufficiente para os affastar de si.

Não devem nunca mentir, e devem acostumar-se a ter palavra; isto é, nas cousas boas, porque se por desgraça promettessem uma cousa má, então seria de seu dever e honra, não cumprir essa promessa.

Devem amar o trabalho e o estudo, pois a ociosidade é mãe de todos os vicios, e o estudo bem dirigido nos alcança muitos bens; pois em nossa cara patria, não faltam meios de estudar e de tornar-se distincto, quer em sciencias e lettras, quer

em qualquer arte ou officio. Devem emfim ser amaveis e polidos.

Emquanto ás meninas devem tambem ser piedosas, modestas e simples em suas maneiras, alegres sem dissipação, porém, nunca se intromettendo nas conversas dos outros. Devem procurar ser arrançadas, fugir do desmazelo, occupar-se nos pequenos trabalhos proprios de sua idade, ser humildes, meigas e pacientes, imitando assim a Maria Santissima, modelo perfeito das donzellas christãs, e de quem tanto os meninos como as meninas devem ser muito devotos, pois quem tem devoção a Nossa Senhora é sempre ditoso, quer nesta vida, quer na outra !

E agora basta, meus pequenos leitores, ainda uma vez vos digo, adeus, desejando-vos todas as prosperidades !

FIM

INDICE

| | PAGS. |
|----------------------------------------|-------|
| I.—Introdução..... | 9 |
| II.—Arthur..... | 12 |
| III.—A casa da vóvó..... | 16 |
| IV.—Bibi..... | 19 |
| V.—Christovinho..... | 21 |
| VI.—Izabel ou a menina compassiva..... | 25 |
| VII.—O bond..... | 28 |
| VIII.—A mandioca..... | 31 |
| IX.—Os contos da vóvó..... | 35 |
| X.—A menina desmazelada..... | 38 |
| XI.—O algodão..... | 42 |
| XII.—A esmola..... | 48 |
| XIII.—A menina teimosa..... | 52 |
| XIV.—A noite de S. João..... | 56 |
| XV.—Os bichos de seda..... | 61 |
| XVI.—O pobre cego..... | 66 |
| XVII.—A primeira communhão..... | 68 |
| XVIII.—Os annos de Elvira..... | 72 |
| XIX.—A gomma elastica..... | 78 |
| XX.—D. Rita..... | 82 |
| XXI.—O lampeão de kerosene..... | 90 |
| XXII.—A rosa..... | 94 |
| XXIII.—A canna de assucar..... | 96 |
| XXIV.—A menina e a boneca..... | 102 |
| XXV.—A gaveta da vóvó..... | 106 |
| XXVI.—O menino desobediente..... | 116 |
| XXVII.—José..... | 119 |
| XXVIII.—O café..... | 126 |
| XXIX.—Riachuelo..... | 132 |
| XXX.—Conclusão..... | 140 |

Ultimas publicações

- Primeiro Livro de Leitura**, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. em 16, ornado de numerosas illustrações, cart. 1\$500
- Segundo Livro de Leitura**, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. em 16, ornado de numerosas illustrações, cart. 2\$000
- Chorographia do Brasil**, (curso superior, para uso dos Gymnasios e Escolas Normaes) contendo uma carta geographica de cada estado do Brasil e uma carta geral dos Estados-Unidos do Brasil, texto do Dr. Moreira Pinto; e cartas de Olavo Freire 10\$000
- Noções da Vida Pratica**, (Lições de Cousas), por Felix Ferreira, vol. de 597 paginas, impresso e illustrado em Paris, com 200 gravuras 3\$000
- Noções da Vida Domestica**, por Felix Ferreira, muito melhorada. Obra premiada na Exposição de Paris em 1892, 8ª edição 2\$000
- Methodo para o ensino do desenho**, por Olavo Freire, curso elementar, 1ª classe, tres cadernos, que se vendem separadamente, cada um \$306
- A Historia do Brasil** ensinada pela biographia de seus herões, por Sylvio Roméro, 2ª edição com retratos, vol. in-16 1\$000
- Catecismo Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil**, contendo toda a Constituição em fôrma de Catecismo e augmentado de numerosas notas explicativas do texto, posta ao alcance das intelligencias infantis, 1 vol. cart. 1\$000
- The English Translation Primer**, seguido de um dicionario de todas as palavras contidas no livro, com a traducção portugeza, por James Hewitt, vol. enc. 12\$000
- Globo Geographico** 50\$000
- Terceiro Livro de Leitura**, por Felisberto de Carvalho, ricamente illustrado e impresso em Paris. 2\$500
- Noções de Chimica Geral**, pelo Dr. Martins Teixeira 4\$000

NOS PRÉLOS

Noções de Chimica inorganica, do Dr. J. Martins Teixeira.

Caderno de escripta, organizado segundo o methodo intuitivo.

Noções de Hygiene, para uso das escolas primarias.

Noções de Geometria Pratica, para as escolas primarias.

Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, para uso das escolas primarias.

Noções de Agricultura e horticultura praticas, para as escolas primarias.

Quarto Livro de Leitura, por Felisberto de Carvalho, etc

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).